

# Revolução Socialista

**Jornal Posadista**

Continuação do  
Jornal  
Frente Operária,  
fundado em 1953

“Sem a luta pelo socialismo, a vida não tem sentido”

J. Posadas

Ano 08 – Nº 21 – Janeiro de 2007

## O PAC e a necessidade urgente de medidas para as massas pobres

**A**celeração do Crescimento – expõe à Nação, definitivamente, tudo aquilo que se pode esperar da atual equipe do governo Lula - todos os seus limites e possibilidades, no bem e no mal - em termos de idéias e estratégia econômica e social. Não propõe um projeto de desenvolvimento nacional popular, tão esperado desde o primeiro mandato do Governo Lula, mas medidas economicistas que estão longe de resgatar a grande dívida social com o povo brasileiro.

É um plano conservador, minimalista, não toca em aspectos fundamentais no que se refere à distribuição de renda e em particular aos benefícios aos rentistas e ao setor financeiro, às multinacionais. Não altera os fundamentos do neoliberalismo. Tenta otimizar todos os mecanismos do atual estado capitalista, sua legislação e seus mecanismos, fazendo concessões a setores empresariais (desonerações) e restrições a setores sociais (limitando os aumentos salariais do setor público e “disponibilizando” os recursos dos trabalhadores representados pelo FGTS para investimentos). Não ataca as grandes fortunas, não controla o fluxo de capitais, não altera os poderes do Banco Central, não propõe acelerar a Reforma Agrária. Não toca nem “contingencia” os 160 bilhões do serviço da dívida, que só em um ano poderiam alavancar um salto no crescimento econômico.

Valoriza, de certa forma, a iniciativa do Estado e do governo, raspa o fundo da panela dos recursos orçamentários possíveis para disponibilizá-los, reduz o teto do superávit primário, exige melhor gerenciamento dos recursos, não compromete os gastos sociais (como os planos anteriores), não toca na previdência (embora crie um fórum para eventuais mudanças), mas depende essencialmente do aumento dos investimentos privados por meio das PPPs



O PAC não prevê investimentos na erradicação rápida da pobreza e na aceleração de medidas sociais como acabar com o analfabetismo

Foto: Norman Gall

e outros investimentos que, teoricamente, podem chegar a 500 bilhões de Reais em 4 anos.

Num contexto que atualmente é favorável aos negócios capitalistas, com os indicadores macroeconômicos positivos, o PAC pode servir de estímulo para a produção e o consumo, pode inquestionavelmente desencadear mecanismos de crescimento econômico em setores como a construção civil, a indústria eletroeletrônica e outros. Até mesmo algumas privatizações foram oferecidas, como as concessões das rodovias, o aumento das facilidades de créditos e financiamentos, sinalizando “boa vontade” para com os “mercados”.

Entretanto, não garante transformações sociais aceleradas, num país que tem 42 milhões de miseráveis, altos índices de criminalidade (60 mil mortos por armas de fogo anualmente), acidentes de trânsito (60 mil) e de trabalho (incalculável), além de todas as mazelas sociais históricas.

O PAC não atende à necessidade de uma grande transformação. Um crescimento de 5% ao ano nada assegura. E é muito pouco para um governo que deve durar somente 4 anos. Não haverá, assim, “espetáculo do crescimento”. Não corresponde às expectativas criadas na América Latina para a redução da pobreza, passa de longe sobre a discussão sobre o “socialismo do século XXI”.

Os países da América Latina que querem se desvencilhar da mazelas do neoliberalismo, propõem um Projeto de Desenvolvimento Nacional Popular, com investimentos pesados por parte das empresas estatais e simultaneamente, investimento pesados no combate à criminalidade, no combate ao analfabetismo, na saúde, na reforma agrária, na distribuição de renda e no desenvolvimento econômico em parceria com a iniciativa privada, mas sob o controle das empresas estatais. O Brasil vive a incrível situação de 70% da



Foto: Marcelo Casal Jr./Abr

economia ser controlada por não-residentes e um Banco Central, na prática, autônomo.

É preciso discutir um outro modelo econômico onde o Estado soberano detenha as rédeas do desenvolvimento, rompendo com o controle das transnacionais e da submissão colonizadora da ditadura do capital financeiro. No mesmo instante que o Governo Federal anuncia o PAC, o Banco Central faz uma demonstração de força inaceitável: mantém uma das maiores taxas de juros do planeta. Inviabilizando o desenvolvimento social de qualquer país.

Contraditoriamente, em relação às medidas anunciadas pelo PAC, os compromissos do governo no âmbito do Mercosul são extremamente favoráveis a um novo ciclo de desenvolvimento, mas não podem esperar pela iniciativa privada (mesmo que esta tenha interesses nos grandes projetos de integração). O Estado deverá ser o empreendedor principal, e para isso, tem que mudar paradigmas neoliberais. Um exemplo é a proposta do Banco do Sul, que encontra resistências entre as burguesias brasileira e argentina, e as propostas da agenda social comum e à redução da pobreza no Continente, feitas insistentemente pela Venezuela, pela Bolívia e agora, pelo novo governo progressista do Equador.

continua na página 2

**MERCOSUR**

Página 3

**O Estado Revolucionário**

(J. Posadas)

Página 4

**O Oriente Médio contra o imperialismo**

Página 7

**A Nona Sinfonia de Beethoven**

(J. Posadas)

Página 8

**“REVOLUÇÃO SOCIALISTA”  
na Internet**

[www.revolucaosocialista.cjb.net](http://www.revolucaosocialista.cjb.net)  
[revsocialista@yahoo.com.br](mailto:revsocialista@yahoo.com.br)

## Vem da página 1

Todos os países que romperam com as políticas neoliberais, total ou parcialmente, estão se desenvolvendo a ritmos e níveis superiores ao Brasil. Para não falar da China, cujo motor essencial da economia é o Estado.

Fica cada vez mais claro que a única possibilidade de sobrevivermos ofensiva do imperialismo norte-americano decorrente do seu brutal endividamento e frequentes fracassos em suas guerras de ocupação como no Iraque, é a unificação política e econômica dos países da América do Sul. O Brasil tem sinalizado positivamente neste sentido; mas muito longe da necessidade para enfrentar os interesses dos grandes conglomerados econômicos e dos países centrais, e da necessidade manifestada pelas mobilizações das massas no continente.

Pode-se prever que, se mantivermos a atual política social-democrática por parte do Governo Federal, entraremos em crise pelo seu minimalismo, e pela sua incapacidade de responder aos grandes problemas sociais. Não adiantam os apelos de Lula em Davos pela “ajuda” aos países mais pobres, tampouco se pode esperar muito das rodadas de Doha no âmbito da OMC. É muito pouco o que pode fazer o capitalismo mundial em favor dos países periféricos, principalmente em matéria social e ambiental; embora se possam fazer grandes negócios, eles não serão favoráveis às grandes massas pobres da Ásia, África e América Latina.

Portanto, é previsível uma ou mais crises com relação à base social que elegeu Lula e com os movimentos sociais, por falta de resultados na reforma agrária e em outros projetos, pois o

J. Posadas, fundador e organizador da IV Internacional Posadista



### Expediente “Revolução Socialista”

Órgão da Corrente Posadista do PT –  
Regulamentada junto ao  
Diretório Nacional  
Continuação do Jornal “Frente  
Operária”, fundado em 1953.

Diretor Responsável :

C. Almeida – Reg. Prof. 049/SP  
E-mail: revsocialista@yahoo.com.br

Página Web:

www.revolucaosocialista.cjb.net

Correspondências :

Brasília DF  
Circulação interna ao PT

fluxo de lucros e os mecanismos de acumulação capitalista (grupos internos e multinacionais no país) continuam gigantescos, sem qualquer redução ou controle. Como imaginar então uma reversão na distribuição da renda e uma aceleração dos processos de transformação social?

### As dificuldades dos movimentos sociais frente ao segundo mandato do governo Lula.

Por outro lado, os movimentos sociais não têm sido capazes de articular iniciativas fortes, têm dificuldades em gerenciar esta relação com o governo, ao não conseguir condicioná-lo. Houve um avanço quando os movimentos deram apoio eleitoral a Lula, num comportamento tático correto, superando uma forte rejeição inicial. Foi positivo porque interpretaram corretamente o comportamento do eleitorado popular que reelegeu Lula com 60% dos votos, e serviu para barrar a revanche direitista. Agora, entretanto, não há espaço para continuar neste relacionamento contraditório – e dilatatório das transformações. Os movimentos sociais devem exercer um papel mais incisivo, e exigir do governo o cumprimento das metas sociais, da reforma agrária, da distribuição de renda, sem tergiversações, para impor uma virada. Não há mais Palocci, não há mais contingenciamentos, não há mais dívida externa, não há mais perigos de “desestabilização”, todos álibis utilizados até agora para a postergação das medidas favoráveis à transformação social.

Portanto, restam somente os problemas reais e urgentes, e estes se chamam Reforma Agrária, a redução radical das taxas de juros, a taxa-ção das grandes rendas e do patrimônio, a reconstrução do papel do Estado para promover o desenvolvimento, a democratização da Mídia, os investimentos pesados em saúde, educação e habitação popular, entre outras medidas. É verdade que o PAC focaliza no saneamento básico e na habitação, mas muito dependente dos mecanismos do mercado, e portanto, dos lucros, quando deveriam ser prioridades nacionais de alta relevância social que não podem esperar pelos mecanismos de lucros dos capitalistas. Quanto aos investimentos em infra-estrutura, em si positivos, o efeito social dos mesmos dilui-se em lucros dos capitalistas que serão os beneficiários imediatos.

Quanto ao processo geral de governo, os movimentos sociais devem ser muito mais incisivos, e para isso, precisam de idéias e capacidade de mobilização. Idéias significam propostas estruturadas, reais e concretas de transformação social, políticas e econômicas que consigam mudar a agenda do governo, contrastando com a mesmice e incapacidade de inovar e a falta de audácia da atual equipe de governo e do próprio PT, cuja bancada desde a crise de 2005 vem mantendo um perfil no mínimo medíocre, para não falar do partido como tal, que vive numa eterna defensiva e todo voltado para dentro.

### O PT deve promover uma revolução interna para sobreviver.

Quanto ao PT o seu dilema agora é recuperar a sua história, a sua autoridade, a sua capaci-

Foto: Ricardo Stuckert



O presidente Lula não pode esquecer que a classe trabalhadora e os movimentos sociais foram a base de apoio mais importante e decisiva para a reeleição do governo.

dade de representar os setores sociais, mobilizá-los, organizá-los, e conseguir assim pautar o governo e neutralizar a pressão neoliberal e a sabotagem dos “aliados”. Nem o PED, nem o susto na campanha eleitoral com as trapalhadas relacionadas com o dossiê Vedoim, foram choques suficientes para criar no Partido um clima rebelião das bases e de discussão e idéias que possibilitassem a re-fundação do Partido. As crises sucessivas no decurso do processo eleitoral, e agora a retomada do mandato do Presidente Berzoini, além das movimentações em torno da eleição do presidente da Câmara, nada indica um processo positivo de reconstrução da vida teórica, política e democrática no Partido, que continua comandado pela lógica da disputa de tendências, e pelas bancadas parlamentares e petistas com mandato executivo. Não consola o fato que o PT tenha saído forte do processo eleitoral, trata-se de uma exigência bem mais profunda e de alcance histórico.

Como se não bastasse, a nova fase de governabilidade num governo chamado de coalizão, no qual evidentemente se fazem mais concessões ao PMDB e aos partidos aliados em detrimento do PT, além de negociações pouco claras com os partidos de oposição, com a distribuição de ministérios e outros postos-chave da administração pública, tornam-se fundamentais a autonomia política e teórica, a capacidade tática de condicionamento e influência sobre governo, mas não por meio de pressões pela “ocupação de espaços”, e sim pela capacidade de representar e mobilizar a sociedade, junto com a de dar idéias sobre a economia, as leis, os acordos de integração sul-americanos, a política internacional, etc. Em suma, o PT deve diferenciar-se dos partidos da burguesia e da sua própria alma social-democrática e refundar-se no sentido revolucionário da palavra, voltando às próprias raízes e ir além delas, a partir de uma frente com os movimentos sociais. Se não fizer isso, está arriscando sofrer um enfraquecimento gradual e o desaparecimento do cenário político como força de esquerda e popular. Este processo é evidente na sua atual composição social, no seu comportamento de “partido de poder” e de máquina eleitoral, e na falta de funcionamento, vida teórica e política, de formação de quadros, de democracia interna e relacionamento com os movimentos sociais.

### As perspectivas do novo governo

Há uma situação complexa, que não tende à estabilidade. Os eventuais êxitos econômicos do governo (que ainda precisam ser verificados porque as elites até agora expressaram mais crí-

ticas que vontade de colaborar) poderiam empurrar Lula para governar cada vez mais dependente da direita, num caminho conservador, conduzindo o governo para uma navegação tranquila, embora em detrimento das expectativas de transformação rápida provenientes da sociedade e dos próprios eleitores. Isto poderia representar o fim das esperanças do PT de voltar a governar o país ou pelo menos dar continuidade às tímidas medidas sociais que caracterizaram o seu governo: as candidaturas burguesas “legítimas” já estão à espreita para 2010. O PT não tem candidatos fortes, à altura de uma figura como Lula, e o que é pior, não está criando no país o movimento de transformação que legitimaria o surgimento de novas lideranças populares. Apostar na queda de braços interna e no prestígio de algumas personalidades, seria temerário.

O país - representado por todas as suas forças sociais consolidado nas duas vitórias de Lula para Presidência da República, não pode pautar sua ação em virtude de ser a maior economia do continente. Não se trata de uma questão economicista, e sim política e ideológica. O PT e o Governo Lula devem pautar sua ação, tendo em vista que o neoliberalismo fracassou e as massas da América Latina compreenderam esta nova situação e estão se mobilizando através de ações de massas e até mesmo através do voto, elegendo governos de esquerda e progressistas para aplicarem um programa de desenvolvimento nacional e popular.

A saída para tal situação é uma re-fundação geral das forças progressistas, de esquerda, dos movimentos sociais aos sindicatos, das áreas mais à esquerda do PT às organizações populares das mais variadas, numa ampla frente de discussões sobre a formação de um novo sujeito político à altura e condizente com a esquerdização do processo latino-americano. Isso requer rigor teórico e analítico, uma forte vontade política e a máxima objetividade para entender as exigências de milhões de pessoas e camadas populares que depositaram a esperança num governo que pode representar, ou uma guinada pela transformação, ou um grande fracasso com conseqüências imprevisíveis. Requer, sobretudo, uma visão e convicção que as massas do mundo já saíram da defensiva, estão conquistando posições avançadas na Venezuela, na Bolívia, no Irã, no Equador, em Cuba, nos fóruns sociais, nos movimentos antiimperialistas e contra a globalização capitalista, nos movimentos ambientalistas, e nos próprios Estados Unidos, e que é preciso sair do minimalismo e das posições defensivas para dar respostas à nova era de lutas que se abriu, principalmente no continente Sul-americano.

# MERCOSUL: sobe o tom político antiimperialista do bloco

A mais recente reunião de Cúpula do Mercosul, no Rio de Janeiro, foi uma expressão clara da elevação dos processos de intervenção das massas no continente sul-americano, formatando um novo desenho político, uma nova composição e uma relação de forças políticas que favorecem a luta contra o imperialismo.

Destaque-se que os presidentes que compareceram, em vários momentos chegaram a polemizar em público, como ocorreu com Evo Morales, da Bolívia, que criticou a Colômbia por sua submissão ao imperialismo, provocando reação do presidente colombiano, logo em seguida também criticada por Hugo Chavez, que defendeu a posição boliviana e ainda pediu que os debates da reunião fossem amplamente divulgados a público, quando normalmente, essas reuniões não passam de discursos solenes, sem que a sociedade possa tomar conhecimento do verdadeiro debate. Isto mudou, e mudou graças a presença de presidentes claramente de esquerda, como Hugo Chávez, Evo Morales e Rafael Correa, que politizam os debates, apresentam propostas mais além do convencional.

Nesta reunião no Rio de Janeiro, além de trazer acordos concretos, como o firmado entre Brasil e Venezuela para a construção do gasoduto ligando o território venezuelano ao nordeste brasileiro, também foi debatida a proposta de criação de um Banco do Sul, apresentada por Hugo Chávez. Apesar de uma reação inicial defensiva por parte do Brasil, que contra-argumentou propondo um novo uso dos instrumentos já existentes – o que indica a forte dependência que o governo brasileiro mantém ante a oligarquia financeira mundial – pouco a pouco estas propostas de integração verdadeira, soberana, vão se tornando conhecidas mais amplamente, para desespero da mídia capitalista, que, de modo incorrigível, não tem como impedir que Hugo Chavez se dirija ao público, fazendo debates públicos, agendas com lutadores de esquerda, como foi a visita a Oscar Niemeyer. Pela sua malignidade intrínseca, a mídia busca transformar Chavez no demônio, mas suas idéias penetram, alcançam círculos mais amplos, como foi o discurso que proferiu na Assembléia Legislativa do Rio, onde recebeu a Medalha Tiradentes, quando defendeu o socialismo, e que foi televisionado pela TV Alerj.

A elevação do tom antiimperialista desta reunião do Mercosul foi tão significativa que em certos momentos a mídia chegou a defender Lula como o mais sensato dos presidentes, mesmo quando Lula apresenta propostas de cooperação com a Bolívia



Hugo Chávez recebeu a medalha Tiradentes do deputado Paulo Ramos (PDT-RJ) na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro e discursou defendendo Tiradentes, Abreu de Lima, Vargas e Jango.



Evo Morales defende a cooperação junto com a posição firme de nacionalização do petróleo boliviano.

de Evo Morales, que esta mesma mídia com bateu furiosamente quando os bolivianos nacionalizaram seus recursos energéticos.

Evidentemente, falta muito ao MERCOSUL para transformar-se de fato num instrumento eficaz de integração e de impulso a um desenvolvimento com justiça social na região, pois as economias mais importantes são ainda controladas pelo capital externo, pelas multinacionais, com o que muitas das disputas e divergências, são na verdade, expressão da disputa de mercado destas empresas, como por exemplo no conflito entre Argentina e Brasil em função das fábricas de embalagens pet, fomentado por uma multinacional instalada na Argentina contra outra instalada aqui.

Muito superior é a proposta do Banco do Sul. Enquanto, atualmente os governos sul-americanos recebem taxas de juros baixas ao depositarem em Bancos norte-americanos, e pagam elevadas taxas de juros se solicitarem empréstimos dos mesmos Bancos para aplicação de seu próprio capital, com o Banco do Sul essas reservas nacionais passariam a ser depositadas num banco próprio, livre de ingerências da oligarquia financeira, em disputa com elas, e com critérios de aplicação de massa de recursos em projetos prioritários para uma integração que não obedeça à lógica das empresas multinacionais, e que não se submeta às constantes e sistemáticas pressões do imperialismo, que se opõe a qualquer forma de integração.



Rafael Correa apoia a proposta de Hugo Chávez do Banco do Sul e faz ataque contundente ao neo-liberalismo, representando as massas pobres do Equador que lhe depositaram o seu voto de confiança.

É muito importante que os movimentos sociais, os sindicatos e partidos políticos também acompanhem essas reuniões apresentando propostas para estimular a integração com a participação direta dos trabalhadores, como, por exemplo, no financiamento que o governo da Venezuela vem concedendo a várias fábricas ocupadas de São Paulo e Santa Catarina, inclusive comprando antecipadamente sua produção, impedindo a falência e o desemprego, já que haviam sido abandonadas pelos patrões. Tais experiências devem ser divulgadas poderosamente como uma verdadeira escola de como a integração, com a participação direta dos trabalhadores, encontrará um nível de objetividade e solidariedade capaz de superar todos os limites que ainda predominam nas agendas das reuniões oficiais de presidentes.

Os movimentos sociais do continente devem apoiar decididamente a intenção de Hugo Chávez, agora sustentada firmemente por Rafael Correia, de criar o Banco do Sul, face à hesitação dos demais governos de enfrentar a oligarquia financeira mundial. E que apresentem projetos concretos para a geração de empregos, a produção de alimentos, projetos na área do biodiesel, modelo energético que vem sendo gradualmente controlado por empresas multinacionais. O MST pode apresentar projetos para a produção de sementes eco-

lógicas, os sindicatos podem apresentar projetos para a recuperação de fábricas à beira da falência ou já falidas, destinando sua produção a alvos concretos que beneficiem o desenvolvimento social da região. E estes projetos não necessariamente devem ter caráter nacional, podem ser instalados para beneficiar os países mais pobres, mais necessitados, como a Bolívia, onde faltam fábricas de sapatos, de móveis, de fogões, de eletrodomésticos, e os trabalhadores podem fazer uma aliança direta com o Banco do Sul para a instalação de unidades produtivas onde for mais necessário, mais adequado, mais conveniente, segundo um planejamento de acordo às necessidades das massas exploradas, não sob critérios mercadológicos. O Banco do Sul, proposta que assustou a burguesia nesta reunião do Mercosul pode inclusive atrair os pequenos produtores rurais e urbanos, hoje asfixiados pelos altos juros, sem qualquer condição de concorrência num mercado dominado pelos cartéis do grande capital.

De todo modo, é absolutamente indispensável que a esquerda, os movimentos sociais, os sindicatos realizem uma ampla vida política de discussão de todas essas propostas que estiveram em tela na reunião do Mercosul, sobretudo a partir da intervenção mais elevada, pelo presidente Hugo Chávez, que sempre, com iniciativas audaciosas e concretas, demonstra que as relações de força alteraram-se significativamente no continente. Mas, com uma vida política rotineira, burocrática, convencional, as forças progressistas, sobretudo suas direções, terminam por reduzir o enorme impacto do papel desempenhado por Hugo Chávez nestes encontros. Mas a direita percebeu a sua importância e o perigo que ele representa, por isto esta campanha destinada a demolir com mentiras e manipulações informativas a sua imagem. Os movimentos sociais, o PT – que esteve praticamente ausente do ato político com Chávez na Assembléia do Rio de Janeiro – deveria debater com sua militância e a sociedade as propostas do venezuelano; a Radiobrás deveria divulgar amplamente estas propostas, assim como a mídia alternativa. A reunião do Mercosul, o seu tom antiimperialista, demonstra as condições para a organização de uma Frente Antiimperialista na América Latina, com sindicatos, movimentos sociais, intelectuais, igreja progressista, militares nacionalistas que estão observando o poderoso exemplo de Hugo Chávez, visando implementar as propostas mais fundamentais e defender estes governos do assédio das oligarquias e de sua mídia mais venenosa. ●

# O ESTADO REVOLUCIONÁRIO, SUA FUNÇÃO TRANSITÓRIA E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO

J. Posadas  
28 de setembro de 1969

Publicamos extratos do livro “O Estado revolucionário, sua função transitória e a construção do socialismo”, obra central no pensamento de J Posadas, que analisa processos novos do pós-guerra que não puderam ser analisados na época de Lênin e Trotsky. Dentre esses, o surgimento de vários governos nacionalistas na A. Latina, como Perón na Argentina, Velasco Alvarado no Peru, J. Torres na Bolívia, Getúlio Vargas no Brasil, que o leva a caracterizá-los como Estados Revolucionários e a prever o surgimento de outros onde as instituições originalmente servidoras dos interesses capitalistas, como a igreja e o exército, entram em crise e muitos de seus setores atuam em nome das massas pobres, do campesinato e do proletariado e passam ao campo da defesa das soberanias nacionais e da luta anticapitalista. A contradição, naquele então, entre o grande avanço mundial da revolução através da Urss, China, Cuba e diversos países socialistas, e o despreparo das direções comunistas e do movimento operário na América Latina e África, dava elementos para o surgimento de processos *sui-generis* aos quais J. Posadas chamou “Estados revolucionários”, que não têm características de um Estado capitalista, mas tampouco de um Estado operário. Trata-se de uma fase transitória. E eis aqui, onde ele destaca a função do **Partido Revolucionário** de massas, na construção do salto ao socialismo. Consideramos de particular utilidade sua leitura neste momento onde Hugo Chávez chama o exército a se constituir Força Armada na defesa dos interesses da revolução, propoe a criação do **PSUV** (Partido Socialista Unido da Venezuela) e anuncia medidas para construir o socialismo na Venezuela. Um Partido Revolucionário e de massas é um instrumento fundamental para o salto do Estado Revolucionário ao Estado operário na Venezuela. Chegou-se ao governo, agora é preciso assumir o poder. Em breve, este livro será republicado em português.

## Organizar o Partido da revolução

Vão encontrar dificuldades para organizar o partido. É lógico que ao não haver uma preparação marxista, uma vida marxista revolucionária, ao não haver uma base sólida do proletariado, o peso da revolução não se transmite. Quase sempre tratam de compensá-lo por meio da equipe intelectual. Por isso, a proclamação é clamorosa, apesar de que as conclusões não são tão clamorosas, mas se vêem as intenções honestas dessas direções. Porque existe a diferença entre o clamor com que se expressam e a falta de meios adequados? Não há uma preparação científica suficiente ao não haver uma base proletária através da qual se podem transmitir a revolução mundial; são os intelectuais que a transmitem em forma débil, superficial, tímida e inconsequente.

É lógico as massas não tem uma educação marxista. Na União Soviética tampouco houve uma educação marxista, mas existia o Partido Bolchevique que compensava a falta de educação das massas com o partido. O partido representava conscientemente as massas e fazia o que era de interesse das massas. Era um pequeno núcleo, organizado em forma disciplinada, que transmitia ao país a segurança das idéias. Vinculava a vida da União Soviética com o mundo. Ensinava a compreender e a raciocinar, a dominar os problemas mundiais da política e da revolução. Criava nas camadas da população de operários, camponeses e intelectuais a segurança revolucionária. Criava nos bolcheviques um campo de atração, não magnético, mas consciente, que respondia à necessidade consciente.

As massas necessitam um tempo para ter onde se agarrar, onde desenvolver

O presidente Hugo Chávez da Venezuela (de origem militar nacionalista revolucionário) e o presidente Mahmoud Ahmadinejad do Irã (de origem religiosa islâmica), firmam diversos acordos de cooperação no campo energético e industrial rumo ao socialismo do século XXI



suas qualidades e a sua capacidade. Necessitam o partido, o núcleo que una os problemas do país com os problemas do resto do continente, que mostre que a força não é o país, mas o mundo. É preciso compreender o mundo para a resolução de todos os problemas. Isso é Lenin. A Revolução Russa triunfou e o resto das revoluções triunfaram depois porque compreenderam o mundo através do Partido bolchevique. Reiteramos: pode-se tomar o poder sem partido comunista, mas para construir o Estado operário é necessário o Partido bochevique. Todos os problemas que existem nos Estados operários não são de ordem econômico, mas de organização social do funcionamento do Estado operário. O problema é a ausência de Partido bolchevique.

Em nenhum Estado operário os problemas fundamentais são problemas econômicos. Por exemplo, na Polônia: 80% da propriedade agrária é privada, mas os produtores não têm o poder. Pesam no poder, mas quem tem o poder é o proletariado através do Partido Comunista. Se o Partido organizar formas soviéticas é o fim da propriedade privada, porque dessa forma a compreensão do proletariado chega aos camponeses para que apoiem o funcionamento coletivo e se termina o problema. Mas, os dirigentes temem desprender-se dessa camada que eles criaram. Isso não é uma consequência lógica da propriedade privada agrária na Polônia. É a forma social burocrática. A burocracia, deixou assim para ter aliados. Isso não é uma necessidade lógica do desenvolvimento da economia. É a necessidade social da burocracia.

Isso ocorre também na URSS atualmente. Não há necessidade de que exista o kolkhoz. É um anacronismo estúpido de todo ponto de vista. Não é a falta de máquinas, nem de técnicos, engenheiros, ferramentas ou parafusos. O que falta é a organização social. Se estabelecem as formas soviéticas de funcionamento do campo, em cinco anos duplicam a produção. Os soviéticos realizaram isso nas piores condições e os chineses também. Mesmo com todo o exagero dos chineses, eles duplicaram a produção. É a forma social, não é a programação econômica, nem a questão de quem vai dirigir, que administrador, de quem faz as contas. É um problema de organização social.

Em troca, os Estados operários fazem programas econômicos de acordo com a concepção de aparato, de pequeno grupo de gente, que contam com o apoio soviético ou o investimento alemão, chinês, mas não contam com a capacidade nem o apoio das massas; têm em conta o desenvolvimento do comércio exterior e não o desenvolvimento interior da população.

A primeira coisa que fizeram os bolcheviques quando tomaram o poder foi desenvolver a economia do país para satisfazer a necessidade do país. Afetaram o comércio mundial para levantar o país, asseguraram a revolução interior, deram estabilidade e encararam novos planos econômicos. A economia não é um ente separado da capacidade produtiva do país. É preciso perguntar-se: em benefício de quem, para quem, programado com que concepção? (..)

É preciso ter em conta ao planificar, quais são as perspectivas da história. O imperi-

alismo vai responder com a guerra atômica. Não tem perspectivas de triunfar, mas vai responder com a guerra atômica. Ao se planificar a economia é preciso considerar a planificação do resto do continente. Não se pode fazer uma planificação tendo em conta somente o próprio país.

Os conceitos que Lenin explicava no “Estado e a Revolução” se mantêm plenamente. É preciso incorporar aos mesmos, elementos novos da história. Lenin escreveu pensando num só Estado operário. Naquela época, o Estado capitalista tinha uma fisionomia nítida que hoje já não tem. No Estado revolucionário, o exército já não tem o papel, a força, e nem a transcendência que tem num Estado capitalista pleno. São categorias de distintas fases do Estado que de alguma maneira merece uma caracterização precisa. Nós os qualificamos de Estados revolucionários porque gradualmente vão perdendo o caráter de Estado capitalista, sob o impulso da revolução; mantêm a sua estrutura que é capitalista, com uma direção que se declara contrária e que toma medidas contra o capitalismo. A estrutura das relações, das instituições e do funcionamento jurídico continua sendo do capitalismo. (...)

O temor de algumas direções revolucionárias de lançar uma campanha contra a estrutura capitalista do exército é porque devem romper com uma parte que antes as apoiava. Em Cuba, durante a primeira parte da revolução, houve uma fase de conciliação com Urrutia (1) tratando de atraí-lo; mas depois as massas começaram a ocupar as fábricas, os campos e impulsionaram a direção cubana a superar essa fase. A intenção de Fidel Castro não era alheia à das massas, não estava contra, mas foram as massas que determinaram os tempos e os prazos do processo revolucionário. No começo, ele dizia em “moralizar o capitalismo”, e as massas cubanas disseram: “sim, moralizamos, mas desta maneira”.

É preciso discutir em base a estas experiências históricas. É necessário transformar o aparato do estado com órgãos que assegurem a continuidade da revolução, que defendam o interesse do desenvolvimento socialista da revolução. Deve ser o interesse e a função social que deve predominar com relação à preocupação e a capacidade intelectual. O proletariado tem uma função social que é insubstituível; um ou outro operário pode tentar fazer carreira, mas como classe, tem um interesse social objetivo. Essa é a função histórica do proletariado que dizia Marx: deve ser objetivo e impulsionar tudo aquilo que ajuda o progresso da história. Por isso, há que incorporar proletários e, se devem participar intelectuais, têm que estar ganhos ao proletariado. Como este não



As massas venezuelanas tem agora o desafio da tarefa histórica da construção do PSUV (Partido Socialista Unido da Venezuela)



Hugo Chávez e Fidel Castro discutem experiências históricas no rumo da unificação dos povos da América Latina

tem vida política, porque não tem partido, é difícil encontrar operários preparados. É preciso criar essas condições que se podem realizar em curto prazo. Os Estados revolucionários para se manter e progredir, devem romper estrutura capitalista do exército e judicial; devem educar e aumentar a participação da classe operária como direção política. Para isso, são necessários o partido e os órgãos: sindicatos, comitês de fábrica, e de fábrica. O movimento operário deve acostumar-se a decidir como órgão. Romper o aparato do estado, o aparato jurídico, financeiro, policial e militar. É preciso estatizar os bancos e mudar a moeda, como fizeram os bolcheviques no dia seguinte da revolução; criaram um novo rublo para cortar toda possível especulação internacional contra o novo estado. Ao passar o primeiro momento do isolamento, retomaram os intercâmbios internacionais porque o capitalismo necessitava dessas relações.

(...) Assim fizeram os Estados operários e é preciso contar com eles para a realização desses passos de ruptura com a estrutura econômica anterior. Não se obtêm créditos do exterior, mas se obtêm o crédito das massas. Não há créditos com o exterior, mas sim uma intensa vida inte-

cessária, trata-se de milícias operárias. Mas, se estas não são acompanhadas do funcionamento celular revolucionário, caem no vazio, se transformam num corpo separado, sem chegar a ser um corpo burocrático, criam-se uma direção e um funcionamento destacado. (...)

### O papel do proletariado no funcionamento do partido

O partido é quem organiza a capacidade da população. Não é necessário um partido bolchevique, restringido, pequeno ou clandestino como as condições históricas impuseram ao partido de Lênin. O partido comunista se apóia sobre a convicção, a segurança das idéias comunistas que estão no proletariado. Lá onde não exista a força do proletariado local, apóiam-se nas forças internacionais de classe, nas experiências que se realizaram no mundo. Isso é o que persuade o intelectual, o camponês e o revolucionário. É isso o que dá segurança na perspectiva comunista. Mas, é preciso estabelecer de alguma forma a disciplina, a convicção e a segurança de formar parte de um instrumento que se apóia no proletariado e na sua experiência.

rrior. Não há uma acumulação capitalista, mas social que dá segurança e estabilidade à revolução.

Assim fizeram os bolcheviques. Os capitalistas gozavam de Lenin e da sua equipe: “são idealistas!”, “o que sabem de economia?”, “o que entendem de diplomacia?”. Diziam isso porque os bolcheviques iam às reuniões internacionais sem gravata, mas tinham a força de comunicar-se com todo o mundo. Chegavam a todas as massas do mundo.

A democracia é o instrumento para a intervenção da classe operária. A ditadura do proletariado é o pleno exercício do poder da classe operária sobre a organização do estado para defender todas as medidas que conduzem ao socialismo. As formas em que se exerce a ditadura do proletariado podem mudar, podem ser baseadas na persuasão, sem necessidade de recorrer à violência ou chegar a formas de imposição. A qualificação de ditadura não significa impor ou vigiar com as armas na mãos; significa que a classe operária deve levar adiante as medidas necessárias à construção do socialismo, e obviamente opor-se a tudo aquilo que seja contrário a essa necessidade.

A ditadura do proletariado é atuar, legislar, dirigir, controlar o país com esta consciência. Repetimos, as formas podem variar, podem ser formas mais violentas ou militares; mas se são formas militares, de maneira conseqüente, já não é ditadura proletária. Porque se o governo e o estado têm o apoio das massas que, por sua vez, participam democraticamente em organismos de decisão e controle, a intervenção policial ou militar já não é necessária. E, caso a ação militar seja ne-

O partido comunista, ou como se queira chamar, tem que ter como objetivo a construção do comunismo. Nesta fase, é fundamental esclarecer o objetivo e o programa: construir o comunismo, estatizações e controle com funcionamento soviético. O partido em construção deve dirigir-se a toda a população revolucionária em movimento, e fundamentalmente nos organismos do proletariado. Essa é a estrutura e a base para a edificação do novo partido.

É preciso desenvolver sobre esta base a capacidade da classe operária como dirigente da sociedade, que discute todos os problemas; ao mesmo tempo que estuda, trabalha. É preciso realizar assembleias, manifestações e debates sobre todos os problemas do país e do mundo, discutindo os problemas da revolução e do Estado operário, de como se constrói o Estado operário. É preciso discutir as outras revoluções, as experiências transmitidas pela história: a revolução russa, a chinesa, a cubana. Fazer crescer e sentir o proletariado de que ele é capaz de dirigir, não somente na sua fábrica, mas no partido e na sociedade.

Não se trata de uma fórmula: partido, direção central ou regional, e a célula, mas como se faz, como funciona e o que se discute. As células têm que discutir sobre os problemas do país, que são: o que e como se produz, com que programa e objetivo, como se defende da contra-revolução, como armar as massas para essa defesa. Todo o mundo tem que discutir todos os problemas; devem existir órgãos

## Vem da página 5

específicos como as milícias que discutem e levam adiante a questão militar. Mas esta discussão deve integrar o resto da população porque dessa forma se persuade e se desenvolve a iniciativa para atuar sem chocar e sem criar problemas para o Estado. Intervêm-se com idéias.

A milícia operária, como o funcionamento revolucionário das massas nas células e nos demais órgãos, permite o desenvolvimento da iniciativa individual de forma imediata sem passar pelo funcionamento dos órgãos burocráticos, ou pelo consentimento do chefe, do dirigente ou do secretário. Pode suceder que num bairro, os burocratas não tenham interesse em medidas a favor da população do lugar: ter água à disposição, ou canalizações, ou discutir os problemas do mundo. Os habitantes do bairro podem tomar a iniciativa de convocar uma reunião que decide e toma algumas resoluções: “queremos discutir este argumento, ou queremos que se faça esta outra coisa”. Para a direção não interessa porque pensa: “para quê discutem isso se nós já decidimos”.

Na medida em que as massas discutem todos os problemas, adquirem a estabilidade cultural revolucionária e a segurança social decidem na história; não são nem um complemento, nem um mero ponto de apoio, são decisivas. Desta maneira influem sobre toda a população e sobre os seus próprios dirigentes que estão obrigados a avançar, senão são deixados de lado. O dirigente propõe a uma massa que não diz somente sim ou não, ou que se submete ao programa do dirigente, mas a uma massa com uma base cultural e revolucionária. As massas podem carecer de conhecimento, mas sabem bem o que querem: justiça e igualdade.

É preciso considerar as diferentes etapas que atravessou a Urss; durante os sete primeiros anos tratava-se de uma revolução isolada que tinha que lançar-se a organizar as massas do mundo, tirá-las dos partidos socialistas e reformistas e construir partidos comunistas. Esse processo necessitava de tempo e prazos e de um esforço enorme, como o que fizeram os primeiros partidos revolucionários.

Os comitês de fábrica devem realizar constantemente assembleias para decidir o funcionamento, a produção, a técnica e a ciência que é preciso aplicar, de maneira que em pouco tempo os operários compreendam tudo. Uma vez terminada a jornada, é preciso discutir tudo isso. Em poucos meses, os operários vêem que não são necessários os gerentes e que eliminando os gerentes, se eliminam dessa maneira o gasto, o tempo e os limites da função gerencial. O gerente en-

tende de maneira parcial o que é preciso produzir, para quem produzir e como produzir. Além disso, com a eliminação do gerente, se elimina o monopólio da administração da fábrica. (...)

Não são necessários dois ou mais partidos, apesar de que possam coexistir vários partidos. O importante é que exista o partido revolucionário; chame-se comunista ou com outro nome, já que não é isso o que define a natureza do partido. O nome deve explicar o que é o partido; mas, se o programa é comunista e o nome não, inevitavelmente terminará chamando-se



Entrega de tratores aos camponeses na Venezuela realizada com a participação dos soldados do Exército Bolivariano

partido comunista. Os cubanos, inicialmente não o chamaram de comunista, mas depois sim. (...)

Como definir esta nova situação na história não prevista por Marx e Engels? São “Estados revolucionários”, não “Governos revolucionários”. Os governos podem mudar, mas os “Estados revolucionários” não mudam porque já são Estados que alcançaram uma estrutura de propriedade, de funcionamento, de relações interiores, que mesmo que mudem os governos atuais, têm que basear-se nessa situação. Para voltar atrás, os setores burgueses e reacionários devem dar um golpe contra-revolucionário, porque já foram tomadas medidas que afetam a existência do capitalismo, que não permitem a reprodução do mesmo. Mesmo que o poder não esteja em mãos do proletariado, e que não seja um governo surgido do proletariado, tomam medidas que não permitem a reprodução da acumulação do capital para a concorrência mundial do capitalismo.

#### A relação entre o partido e os órgãos de funcionamento soviético

É necessário um partido bolchevique baseado nos sindicatos. A base do partido deve ser o funcionamento sindical. Os bolcheviques, durante os primeiros anos da Revolução Russa, constituíam um partido baseado nos sindicatos. A sua força central era a classe operária que aderiu

massivamente ao sindicato. O sindicato era o instrumento mais importante para comunicar-se com o resto da sociedade: com os camponeses pobres, com os intelectuais, com a pequeno-burguesia explorada. O partido tinha meios importantes como o jornal, a atividade social e parlamentar, e os soviets. Mas, o sindicato o conectava com uma parte importante da base social dos operários e camponeses.

Os países que dependem muito da produção agrícola tem que criar imediatamente instalações para transformar a matéria prima básica para o consumo, ou o

seu uso em processos posteriores de transformação. Se o grupo dirigente da revolução se demonstra capaz de realizar em pouco tempo um processo planificado de transformação da produção, isso tem um efeito importante sobre o resto da população e estimula a sua intervenção. A revolução cresce dessa forma. (...)

Quando se acode à classe operária, é necessário que esta possa ter os instrumentos para se pronunciar. Não se pode convocar de um dia para o outro a que faça uma assembleia e que os operários participem. É necessário levar uma vida organizada de assembleias, de manifestações, comícios e discussões. Não se pode pretender fazer uma reunião ou discussão esporádica e pedir que a classe operária ou uma parte dela se pronuncie. É preciso desenvolver uma vida organizada na forma de assembleias de fábrica, de empresa, assembleias de camponeses ou de empregados. Realizar manifestações, comícios, discussões políticas, alfabetizando a população com documentos políticos. Discutir os problemas de economia do país e do mundo. Discutir os problemas da construção do socialismo, da religião, da natureza, da vida e da morte, e de como escrever. Organizar a intervenção das massas para que possam participar as mulheres, as crianças e os anciãos. E ao mesmo tempo, é preciso realizar as formas mais simples de produção sem esperar ter todos os meios materiais para isso.

É preciso exigir dos chineses, dos soviéticos, cubanos e dos demais Estados operários, a máxima ajuda. Mas, sem esperar da ajuda, nas situações em que não se podem incorporar meios mecânicos avançados, utilizar as próprias mãos ou os instrumentos disponíveis, de modo que a população desenvolva a segurança de que não há nada que não se possa resolver. Essa é a base para a intervenção política objetiva.

Ao mesmo tempo, é preciso contar com o processo da revolução política nos Estados operários, com o desenvolvimento da revolução mundial e com a inevitabilidade da guerra. O capitalismo vai lançar a guerra, não por ser potente, mas pela sua debilidade; mas também não vai poder lançar quando queira. Já teria que ter lançado há muitos anos, mas retrocede constantemente. Ele não abandona a sua intenção, mas vive recuando, perdendo oportunidades históricas e capacidade. Porém, de toda maneira, depender dessa expectativa não é o mais conveniente caminho para a revolução, porque o sistema capitalista retrocede política e socialmente, mas aumenta enormemente o poder atômico de destruição. Todo esse poder não se anula com o retrocesso político e social porque tem mais armas e também uma equipe menor e concentrada que é a que decide o uso das armas atômicas. (...)

Um dos grandes progressos na história do marxismo, na construção dos Estados operários e do socialismo é a influência da revolução no mundo árabe. As massas árabes estavam aferradas a Alá; o deixam e se aproximam do marxismo. Esse é um dos acontecimentos mais importantes. Deveriam existir centenas de revistas invocando a Alá e a Maomé como guias espirituais do “socialismo muçulmano”. Mas, em troca, retomam a Marx. Não dizem explicitamente, mas seguem o que disse Marx e a experiência dos Estados operários. Não é possível prescindir da idéia. O programa, a política e os instrumentos não são invenções casuais ou um recurso transitório da história. Os instrumentos surgem como resultado de uma necessidade do estado da economia e das relações sociais. Isto não se pode fazer sem o instrumento do marxismo. As direções estão preocupadas por resolver os problemas do dia a dia, para os quais não podem esperar a dominar o marxismo. Falta-lhes, então, a segurança e a paciência histórica que deriva da convicção de que o proletariado vai triunfar. O proletariado tem a confiança de que vai triunfar. (...)

(1) Assumiu como Presidente provisório de Cuba entre 3 de janeiro e 17 de julho de 1959, mas foi depois removido por Fidel Castro devido a “atos próximos à traição” e substituído por Osvaldo Dorticós Torrado, que era mais leal às reformas socialistas empreendidas pela revolução.

## Avança a unidade e a iniciativa das massas do Oriente Médio contra o imperialismo

**A** pesar de todos os golpes recebidos diariamente, e a falta de um programa e de uma verdadeira direção unificada anti-capitalista e revolucionária, a profunda experiência, consciência e convicção das massas, a sua vontade permanente de luta contra a opressão na tentativa de abrir espaço à vida e ao progresso, não dão trégua aos planos cínicos e macabros do imperialismo no Oriente Médio.

Nenhum dos planos do imperialismo, de guerra, destruição, ocupação, massacre cotidiano de civis, de operários, cientistas ou técnicos, e agora, de campeonatos de atletismo e de futebol, as tentativas para manter em vida o governo de Fuad Siniore no Líbano, de Mahumd Abbas na Palestina e do outro no Afeganistão, dos grupos assassinos no Iraque ou os planos de ataque contra o Irã, nada disso consegue criar uma perspectiva ou uma margem de manobra que lhes permita roubar o petróleo ou viabilizar a aplicação do Plano para o Novo Oriente Médio. Não há nenhuma margem de manobra, política ou social, portanto passam a utilizar os franco-atiradores. Franco atiradores em Beirute, em Gaza, e bandos de assassinos protegidos no Iraque. As massas libanesas com Hassan Hassrolla, podiam há muito tempo derrotar o governo fantoche. Após quase 60 dias de greve geral convocado pelos sindicatos até a derrubada do governo, ela foi cessada e a população enviada para casa. Teriam conseguido e deveriam fazê-lo. Provavelmente Teerã, pressionado pela ameaça de um ataque militar adiou tudo e deu via a uma combinação de saída diplomática e reforço das relações internacionais, prosseguindo o processo das transformações sociais e econômicas. Siniore se lamentou porque o exército teria se recusado à ordem de reprimir os grevistas. Portanto, entraram em ação as provocações e os paramilitares. O convenio das burguesias em Paris, tratará de apoiar o governo Siniore porque qualquer substituição conduzirá Hesbollah na campanha governamental e levará o Líbano decididamente fora da órbita dos países imperialistas. De toda forma as de-

cisões em Paris não oferecem nenhuma perspectiva porque Siniore é aos olhos das massas um traidor, um agente dos imperialistas e dos vértices paramilitares e não tem outro caminho senão ir direto para a tumba da família.

Contra o embargo financeiro e nuclear desejado pelos imperialistas, o Irã veta o ingresso a 38 inspetores da AIEA e aumenta os acordos com a Rússia, China, Índia e os países asiáticos e europeus, enquanto os Republicanos nos EUA perdem na sua própria casa. Não resta aos agressores que pensar a planos de destruição militar. Os russos instalaram mísseis super capazes Tur-MI terra-ar nas instalações nucleares iranianas; os chineses vendem os caça Jian-10 semelhantes ao F-16 e ao Mig-29, e uma delegação iraniana esteve na Coreia do Norte para



Mesmo com a bárbara repressão contra o povo palestino as massas árabes avançam com o otimismo de poder vencer ao imperialismo

discutir questões de defesa comum, enquanto os russos e indianos fazem acordos pelos novos Mig-20 construídos na Índia. O crescente papel do Irã no Oriente Médio, a sua resistência contra as pressões imperialistas e o seu processo interno fizeram sim que estes países se tornassem um sério obstáculo aos planos imperialistas e o centro propulsor e operativo dos processos revolucionários no Oriente Médio, que obriga os anglo-americanos a aumentar as intervenções das manobras militares, apesar da oposição do Congresso, do Senado e dos organismos institucionais e produtivos comerciais.

O incidente entre o submarino nuclear dos EUA e a petroleira japonesa na saída do Golfo Pérsico faz parte dos preparativos militares e da pressão sobre os países árabes para fazê-los participar nos planos de sufocamento do Irã. Mas um ataque contra o Irã será um grande incêndio que se alastrará por muitos países entre os quais os grandes como Rússia, China, Índia, além de todo o Oriente Médio. Quem mais tem este cenário apocalíptico são os países imperialistas. Podem destruir e arasar todo o território, mas não ocupar melhor do que o Iraque ou o Vietnã. A crise psicológica do exército dos EUA está

no nível da guerra do Vietnã. Se uma guerra contra o Irã tiver que vir, com alguma forma de golpe de estado, haverá enormes rebeliões no próprio EUA e em todos os países do G7. Internamente, as forças ocultas do poder capitalista e difusas dos aparatos mafiosos estão trabalhando para criar obstáculos e derrubar Ahmaidnejad; mas, cada vez que ele retorna da Venezuela, empurra decididamente as reformas estruturais no interesse da população, como a distribuição das ações dos centros produtivos para as famílias pobres, aos operários e aos agricultores. A caixa comum Irã-Venezuela de 2 bilhões de dólares para o desenvolvimento latino-americano está somente no começo. Existe um outro de 4 bilhões entre o Irã e o Paquistão. E a colaboração vai se dando entre a China e Rússia, Paquistão e Índia.

O Irã não é um país isolado. Existe toda uma rede de infraestrutura, gás, eletricidade, ferrovias, petróleo e outras trocas com todos os países limítrofes. Há acordos de segurança com a Arábia Saudita, com uma estreita colaboração contra a guerra e para a resolução da crise libanesa, iraquiana e questões entre xiitas e sunitas. O Irã é membro da organização militar-comercial de Xangai. A diplomacia da pressão e ameaças não funciona mais e resta somente a última opção: a militar, com todas as suas tremendas consequências possíveis. Mas cada golpe ao Irã terá um contra-golpe mais amplo e profundo contra todas as estruturas imperialistas.

No Iraque, as forças de agressão não conseguem impor nenhum equilíbrio a seu próprio favor. Destruíram todos os organismos iraquianos como no Vietnã e sem poder substituir com os próprios. O governo iraquiano é muito mais próximo ao Irã do que aos anglo-americanos; fez um acordo com a Síria para expulsar os agressores. Os EUA tiveram que substituir o próprio embaixador Khalilzad que se sabia que estava por trás das explosões e dos massacres. A experiência e o conhecimento alcançado pelas massas árabes do Iraque após 16 anos de agressão e des-

truição faz sim que nenhuma provocação, nem mesmo o eforçamento de Sadan Hussein conseguisse criar confusão entre xiitas e sunitas; pelo contrário, aumentam as relações entre o Iraque, a Síria e o Irã. Enquanto os EUA sequestram os diplomatas iranianos no Iraque, o Irã envia técnicos, corrente elétrica, alimentos e tudo o que possa ajudar as massas iraquianas. Faz a mesma coisa com os libaneses, os sirianos e os palestineses. Mas se retiram os vários Robert Gates ou Condoliezza Rice dos encontros com os governos árabes, e os mesmos retornam à sua própria posição e sustentam através da Organização dos países árabes do Golfo Pérsico o direito do Irã de desenvolver a própria energia pacífica nuclear. E agora eles também querem, enquanto as manobras dos ambientes pró-imperialistas, como no Qatar ou no Kwait, ficam circunscritas e por trás do dinamismo do processo.

Na Palestina, o governo Hamas, com o apoio das massas revolucionárias, suportada toda provocação assassina seja dos israelenses, seja do aparato reacionário da OLP e desmascara sua natureza e intenções. O Hamas não reconhece o Estado de Israel e lutará até derrubá-lo junto a todas as forças revolucionárias do Oriente Médio; agora, também com mísseis de várias organizações palestinas. Romperam com Mahmud Abbas que está usando os seus franco-atiradores para levá-lo ao isolamento. As bombas atômicas sionistas não servirão ao Estado sionista para salvar-se. Não pode colocá-las no seu assento. O Estado sionista foi criado para dividir e esmagar os movimentos revolucionários árabes, mas agora, depois da derrota imprimida pela resistência libanesa, há uma profunda crise dentro e fora e vai rolando em direção à queda. Não existe nenhuma perspectiva, nem social, nem econômica, nem política e nem militar que possa salvar este Estado do seu destino; nem a ONU, nem dentro dos países que o inventaram, nem entre as burguesias árabes que já tem os seus próprios espinhos, e nem a Palestina ocupada. Esta corroída a sua própria capacidade de justificar-se histórica e materialmente. Cai a sua força ideológica e, agora, depois da derrota no Líbano, se derruba também a sua impunidade. Quando cair o governod de Siniore e as pessoas no no Líbano explodirem de alegria, no Estado sionista haverá funerais e aumentará a sua crise de direção. Portanto, o imperialismo deverá substituir parte das funções de Israel no Oriente Médio, como deverá substituir através da Otan o papel que cabia antes ao Paquistão do leste; e dentro de pouco terão problemas sérios também na Turquia que não aguenta mais a situação. Estes eram os países do pacto do centro que o imperialismo criou para dominar toda a região, desde a Índia ao Mediterrâneo, com custos próprios, mas agora deve substituí-los; mas ao fazer isso, se afundou no pântano a ponto de não saber como sair. ●

## CULTURA

# A NONA SINFONIA DE BEETHOVEN E O PROGRESSO DA HUMANIDADE

J. POSADAS

23 de maio de 1975

A música é uma criação do ser humano, que se desenvolveu com o processo da civilização humana. Ela expressa um dos níveis mais elevados de harmonia que o ser humano alcança. O que promove e determina a base essencial da música é a busca do sentido, da explicação entre a vida e a natureza, da relação da vida com o céu, com os seres humanos, e entre os seres humanos.

Na etapa de Beethoven, este expressa, através da música, o que a mente dos filósofos, dos historiadores, dos sociólogos daquela época buscavam explicar, respondendo à necessidade de ordenar a vida da humanidade.

O processo de criação de um gênio musical não se dá da mesma forma que de um Marx. Marx é resultado da compreensão do processo dialético e da existência do proletariado, do desenvolvimento dos regimes sociais, dos sistemas de propriedade, de produção, do regime de propriedade privada que criou o proletariado. Ao se criar o proletariado, criou-se uma condição nova para a elevação dos meios, das condições para a humanidade se libertar de todo tipo de sujeição. Não é o músico quem cria essas condições. Ele é um reflexo delas. E devem surgir condições prévias para que este se manifeste. Ou então, ele expressa antes que surjam estas condições, como é o caso da produção do músico, do artista, do pintor revolucionário. Isto é, ele prevê o curso da história sem ter plena consciência da motivação da estrutura social. Ele a exprime. A música de Beethoven é isso. Sendo um produto da revolução burguesa, da revolução francesa, expressa um nível, um alcance infinitamente superior aos limites da revolução burguesa. Ele expressa o nível alcançado pela inteligência humana, a capacidade de sentir, de reproduzir as relações humanas através da música, de forma superior. A

sua música não se limita ao quê fazer diário, mas resplandece o desenvolvimento dos objetivos que a história já possibilitava que se manifestassem no ser humano. Apesar da limitação imposta pela propriedade privada, o desenvolvimento da revolução burguesa abria caminho à vida da democracia e da ciência. E mesmo mantendo a visão celestial, impulsionava os acontecimentos terrenos, sem ocultar o céu, mas libertando-se da sujeição a este.

E Beethoven expressa, na música, o mais alto nível de harmonia entre a natureza, as relações humanas e o indivíduo, através da sua capacidade de interpretação, de organização, de sentimento e de consciência.

A música se faz com a superestrutura do cérebro e não apenas com a inteligência. Forma parte da inteligência; é uma das maneiras mais elevadas da inteligência, ainda que não seja a mais completa. A mais completa é a de Marx, pois é a que dá as idéias para mudar a sociedade. Porém, em Beethoven expressa-se a mesma necessidade, a mesma capacidade do ser humano de chegar a tal nível de capacidade e de evolução. Se não se chegou a uma forma superior no Estado operário foi devido às travas exercidas pela direção de Stalin; do contrário, já teriam existido outras expressões superiores a Beethoven. Elas não existem não por que não houvesse condições, mas porque o regime ou a direção stalinista impediu a continuidade de Marx, nesta etapa da história, que se daria através de Trotsky.

Beethoven é ouvido e apreciado porque forma parte de um objetivo da humanidade: harmonizar a existência, elevar o seu o nível cuja base é a alegria humana de viver. E a alegria humana de viver tem que sugerir, desenvolver idéias nobres. Idéias que expressem a fraternidade e que sejam a base das relações humanas. A música de



Ludwig Van Beethoven

Beethoven expressa isso. A sua harmonia conduz à fraternidade humana. Por isso, em sua mais completa obra, a *Nona Sinfonia*, ele teve que introduzir o coro. A música era insuficiente para ele expressar o que sentia. Mesmo sendo a música mais elevada que já se ouviu, e, possivelmente, até que estejamos no socialismo, não escutaremos algo superior a Beethoven, mas ele incorporou o coro. Isso tem um significado histórico. Não era uma imitação da ópera, como dizem os historiadores da época. O coro de Beethoven não se assemelha, nem conduz a lembrar ou pensar em nenhuma ópera. Pelo contrário, a voz humana é superior ao som do instrumento. O som do instrumento também é parte do ser humano, mas passa pelo instrumento, e então a capacidade da expressão se vê cortada, diminuída. A voz é direta, reflete diretamente os sentimentos, comunica, organiza. A forma mais elevada de expressão da música é a voz humana. A forma mais elevada da fraternidade na música é expressada dessa forma por Beethoven.

O que Marx expressou em sua obra, Beethoven expressou da forma mais completa na música. Podia expressar-se através da pintura, mas o efeito seria inferior, tanto com relação à música quanto como obra intelectual. O intelectual conduz à ação direta; organiza, prevê, desenvolve o raciocínio. A pintura sugere, motiva bases para raciocinar. A capacidade teórica do marxismo dá diretamente os instrumentos para compreender as causas, os fatores que intervêm na história e determinam. Na música não. Na música o músico deve interpretar, sentir (através do que se chama sensibilidade) a inspiração. Mas a inspiração não pode ser feita se não há um sentido de unidade com o ser humano, como expressa Beethoven. Por isso só há um Beethoven, que é superior a Bach, que foi dos mestres de Beethoven na forma da música, mas não socialmente.

Escutamos Beethoven porque forma parte do objetivo do comunismo: elevar as rela-

ções humanas, a vida a um nível superior repleta de fraternidade. Beethoven é quem mais se aproxima disso. Beethoven poderia ter sido superado no Estado operário. Mas, mesmo assim, no Estado operário, sem Stalin, com o socialismo, é necessária uma forma estável de sociedade para expressar as formas mais elevadas de expressão artística. Beethoven já expressava a segurança de um regime que se mostrou superior ao feudalismo. E no socialismo são necessárias relações superiores para dar músicos e pintores.

Escutamos Beethoven com a mais elevada alegria de sentir-nos comunicados, unidos aos criadores das relações humanas, da fraternidade humana qualquer que tenha sido o lugar ou a função que eles exerceram, como Beethoven na música.

Sem dúvida, que há uma diferença muito grande entre Beethoven e Marx. Marx dava a base para dirigir, intervir e transformar a história. Beethoven dava um dos elementos para desenvolver a alegria para decidir-se a mudar a história. São diferenças de funções. Os dois eram necessários na história.

A “Apassionata”, a melhor sonata de Beethoven, expressa uma comunicação e um sentimento de paixão muito profundo. Sentimento harmonioso extremamente profundo. Mesmo com aspectos melancólicos, em determinados momentos, a melancolia não desce ao nível da angústia, mas conduz à reanimação por meio do amor. A melancolia de Beethoven era por viver só, não ter companheira, por ter tido uma série de problemas com uma mulher que amava. Mas entre a mulher que amava e a música, ficou com a música. E na “Apassionata” mostra uma profundidade muito grande de sentimento apaixonado, que é um exemplo, um guia para todos. E especialmente para nós, para sentirmos que tudo o que se faça de digno na história tem que ser apaixonadamente.

A paixão não é o torvelinho do ritmo, mas o sentimento de acúmulo de decisão, de amor para conseguir o que se quer. Demonstrar que se age com carinho e amor à vida, aos seres humanos e ao porvir, ou ao que chamamos de porvir. E Beethoven mostra isso muito bem. Ele era um grande apaixonado pela música e, através dela, da vida. E através da vida, da fraternidade humana. Por isso criou a Terceira, a Quinta e a Nona, que são três símbolos da fraternidade humana. E na Terceira Sinfonia está a marcha fúnebre, que não conduz a pensamentos de luto, de morte, do companheiro que se vai, mas a uma descrição de um acontecimento fora do nosso domínio – que é a morte – mas que a compreendemos, deixando de ser uma imposição. ●

# Revolução Socialista

**Jornal Posadista**

Continuação do  
Jornal  
**Frente Operária**,  
fundado em 1953

“Sem a luta pelo socialismo, a vida não tem sentido” (J. Posadas) Ano 08 – Nº 22 – Junho de 2007 – R\$1,00

EDITORIAL

## A Operação Navalha e a crise irreversível da representação política atual das elites e das forças conservadoras

**Intervir nas contradições do governo Lula para avançar na luta antimperialista a nível continental**



Presidente Lula no Fórum Nacional das TVs Públicas

A Polícia Federal não atua por inércia, sem orientação e movida simplesmente por um afã patriótico e ético: há um movimento no governo e na sociedade que pressiona e exige iniciativas e maior controle do Estado sobre a “ditadura dos construtores” e sua simbiose com a velha e corrupta classe política. O governo Lula, apesar de toda a conciliação com as forças tradicionais e dos esforços para cooptar todas as componentes da elite para manter uma governabilidade tranqüila, e de todas as concessões adjacentes, encontra-se na situação de desenvolver o país, de oferecer crescimento e estabilidade e responder ao

eleitorado que o elegeu, e aos avanços revolucionários do resto da América Latina. Isso está em contradição com o atual arranjo institucional e o funcionamento carcomido da administração pública e da classe política atual. Nem o PAC nem projeto de desenvolvimento algum podem caminhar quando bilhões e bilhões saem pelo ralo da corrupção graúda e miúda, envolvendo expoentes centrais da administração pública e do legislativo.

Independentemente que as forças políticas possam manipular os resultados e o desenrolar da “Operação Navalha”, ou limitar o seu alcance com habeas-corpus por atacado, fazer uso da mídia ou por espírito

de corporação como ocorre no Senado, ou mesmo reagir e cercear o trabalho da Polícia Federal ou da banda não-contaminada do poder judiciário, já o estrago está feito: por isso na percepção popular o Congresso Nacional ocupa o último lugar da escala de credibilidade. A ridícula tentativa do Senado, desmoralizado até a alma pelo escândalo que envolve o seu presidente, de outorgar-se em juiz da democracia na Venezuela, por meio da defesa do canal privado RCTV e seus desmandos, mostra que estes senadores escamoteiam os reais e terríveis problemas do Brasil, inclusive o da existência de uma ditadura midiática da qual, paradoxalmente, eles mesmos podem ser vítimas em qualquer momento.

Isto forma parte das condições subjetivas e objetivas para que os movimentos sociais irrompam à cena, e o **Congresso Nacional do MST** é uma ótima oportunidade, para apresentar-se ao país com propostas e idéias incisivas que ajudem a reforçar a melhor ala deste governo, que, paradoxalmente, encontra-se em condições mais favoráveis para limitar a pressão das alas mais conservadoras e oportunistas. O governo de Lula apresenta elementos contraditórios sobre os quais é preciso refletir com o critério da objetividade crítica, e de uma estratégia e tática que não freiem, mas empurrem as forças progressistas institucionais que querem avançar, junto aos movimentos sociais, para obter avanços na luta pelas transformações sociais.

É inegável que a repressão aos movimentos sociais continua, seja pela ação direta das elites (violência no campo) seja pela atuação dos órgãos de Estado, como a polícia e a justiça contra os pobres das áreas urbanas. Ela não é assumida abertamente pelo governo, mas este é conivente. A grande questão do Brasil é a questão social, e a esta o reformismo dá somente pálidas respostas. O “combate à violência” nos morros do Rio é emblemática, pois transforma em questão militar problemas eminentemente e evidentemente sociais. Os programas de “aceleração” da educação e as iniciativas sociais - ninguém pode refutar este esforço - prometem um futuro melhor mas só dentro de algumas décadas, o que contrasta com a realidade de lutas sociais e rápidas transformações no continente Sul-Americano.

No fundo, o que faz com que os pecados neoliberais do governo sejam perdoados é a aparentemente calma na área econômica. É a paz do núcleo do furacão: o mundo está em reboição, pode desabar, junto com o império do dólar, o papel pintado. O Brasil pode ficar com a brocha na mão, enquanto os especuladores já estarão longe, em outras paragens ou nos abismos do inferno e da guerra. Frente ao primeiro tremor forte da economia mundial, o gradualismo das reformas fiscais, da redução a conta-gotas da taxa de juros, das desonerações setoriais e o jogo tranqüilo do “equilíbrio cambial”, que teoricamente conduziriam o país ao caminho do crescimento, podem dar lugar a uma turbulência e a novas iniciativas truculentas por parte da área econômica para garantir os lucros e privilégios de banqueiros, investidores, especuladores e das oligarquias econômicas, em nome da “estabilidade”.

Não será um jogo fácil, do qual o Brasil poderá se safar com “competitividade”. Principalmente se ficarem livres os mecanismos de nova colonização na área dos biocombustíveis, com a desnacionalização acelerada e evidente do setor. O PAC é um impulso aos investimentos, mas coloca em estridente evidência que, sem o papel preponderante do Estado, o país não poderá se desenvolver.

(continua na página 2)

**Empresa Brasileira de Agroenergia**  
Página 3

**Fórum Nacional das TVs Públicas**  
Página 2

**AMÉRICA LATINA**  
Página 4

**TVES e apoio a Hugo Chávez**  
Página 5

**Irã Viagem do Papa**  
Página 7 e 8

**A rosa e a vida (J. Posadas)**  
Página 8

## Vem da página 1

Paradoxalmente, as elites jamais viveram uma crise de representação política como a atual, e tentam embarcar um por um dos seus representantes no barco do Governo Lula para incliná-lo para o próprio lado. A oposição vacila, se dispersa. Em parte por não ter do que reclamar, já que seus pleitos são atendidos. Em parte, por não ter alternativa alguma a propor, accontentando-se em roubar à esquerda as suas bandeiras históricas, por ela esquecidas num armário. Por isso a oposição se diz mais “ética” e “distributivista” que a própria esquerda.

O que realmente faz com que o barco navegue tão devagar e sem rumo é a falta de coordenação e de vida política dos partidos de esquerda e dos sindicatos que recolham o enorme potencial de inteligência e capacidade de luta dos velhos quadros operários e da juventude deste país. Lula ocupa em certo sentido o vácuo com seus pronunciamentos e o seu instinto político, na ausência de vida política do próprio PT. Os movimentos sociais são os que mais se mobilizam, discutem e combatem, mas ao não encontrarem eco nos partidos (a não ser na igreja de base e nas Pastorais da Terra e em intelectuais e artistas de esquerda), correm o risco de serem induzidos ao isolamento ou à pura e simples crítica ao governo.

É necessário sair da atitude simplista de que “a culpa é do governo, que desarmou os setores combativos”, traindo ou cooptando as suas bases sociais. As ba-

ses sociais nunca renunciaram à perspectiva da transformação, mas entendem que ela passa por esta experiência, por este governo real e que diariamente tem que tomar medidas, decisões, aplicar leis, e o têm feito de maneira diversa de todos os governos neoliberais precedentes. Diante das contradições interiores deste governo, é preciso ver que há vários quadros técnicos e políticos que resistem no plano institucional, às concepções mais reacionárias. É crucial aliar-se para estimular a ruptura com as grandes transnacionais.

Claro está que as mobilizações da sociedade organizada formam parte da aliança: a espera tem que ser ativa, combativa, na qual se estimule ou obrigue o governo a tomar determinadas posições mais próximas aos movimentos sociais. Há que se levar em conta que este governo é um duplo refém: das elites, pelos mecanismos econômicos neoliberais herdados das derrotas do movimento operário dos anos 80 e 90; mas também da sua base social e do poderoso processo de transformação social em curso no resto da América Latina que penetra por todos os poros e indica novos caminhos, a quebra dos paradigmas reacionários e neoliberais, abre novas possibilidades de desenvolvimento e mudanças sociais em favor dos mais pobres.

É pouco? Não, neste mundo de polarização e guerra, e no qual já se discute o socialismo do século XXI. O que não se pode é ficar à espreita, ou à espera, de fora, fazendo a crítica “de esquerda”. É preciso arrancar conquistas, retomar as grandes reflexões, propostas estratégicas de desenvolvimento, pelear no terreno das chamadas “reformas”, abrir brechas por todos os flancos e combater os neoliberais encastelados nas várias instituições, porque as condições são propícias para empreender outro tipo de desenvolvimento energético, ambiental, social e político.

Os movimentos sociais, a lutas do MST exigindo o cumprimento da Reforma Agrária, as greves do funcionalismo, dos professores e metroviários de São Paulo e Brasília, as ocupações de fábricas como as de Itapevi, e as manifestações do Grito da Terra de 23 de maio, no Dia Nacional de Luta Unificada, mostram o potencial dos movimentos sociais para pressionar o governo, sem o que não há conquistas sociais que se sustentem.

O veto presidencial à Emenda 3 e a mobilização dos sindicatos, necessitam de uma mútua interação para assegurar que as leis trabalhistas e a CLT do tempo de Vargas, não retrocedam. Os debates pré-congressuais do PT devem recolher as expectativas dos movimentos sociais e assumir a **Campanha pela Empresa Brasileira de Agroenergia**, e da democratização dos meios de comunicação, de apoio à fusão das TVs Públicas com as TVs comunitárias. Energia, Comunicação e Reforma Agrária, são centros nevrálgicos para empurrar o governo no rumo das transformações sociais. O que é certo é que ainda há um enorme terreno de combate e de conquistas a serem feitas.

## O I Fórum Nacional das Tvs Públicas



O ministro Gilberto Gil no Fórum Nacional das TVs Públicas

**E**ste Fórum foi um acontecimento da maior importância na luta pela democratização dos meios de comunicação de massas no nosso país. Talvez as entidades democráticas, que com tenacidade e persistência têm conduzido batalhas memoráveis neste tema não tenham percebido a profundidade deste processo e as oportunidades que se apresentam. O “Manifesto pela TV Pública independente e democrática” – a Carta de Brasília – aprovado e lido frente ao Presidente da República, estabelece compromissos que não mais poderão ser ignorados, como a regulamentação dos parágrafos 220 a 223 da Constituição, cuja ausência está na base da atual ditadura midiática privada.

A luta do Ministério da Cultura e a presença do Presidente da República, não só dando o aval ao Manifesto, mas expressando o seu entendimento sobre o papel relevante que a nova TV deve desempenhar no país, promovendo os grandes debates de interesse nacional “do Oiapoque ao Chui” e como os meios e a qualidade necessários para capturar a audiência e ser um fator de desenvolvimento da cidadania, mostra que ainda há forças no governo e influência da sociedade nas opções a serem feitas na próxima fase.

A batalha está no começo, mas é um bom começo. Deixar a Conferência Nacional das Comunicações nas mãos do Ministro Hélio Costa das Comunicações, prevista para agosto, é um perigo, pelo que ele representa e tem representado até hoje, ou seja, o papel de representante dos interesses da mídia privada no governo. A ABERT já está convocando a sua Conferência, que será sem dúvida alguma a resposta do setor privado, e o início da contra-ofensiva. De fato, a guerra está declarada, como mostra o fato que os maiores meios de comunicação do país simplesmente ignoraram e ocultaram fato tão relevante como a Conferência.

Portanto, como todos reafirmaram, a campanha tem que ir às ruas, aos sindicatos, a todas as instâncias democráticas. O próprio Ministro Gil pediu – e obteve – que o Fórum tivesse caráter permanente, vigilante. Os movimentos populares não devem perder esta oportunidade, pois este não é tema específico de uma categoria de comunicadores e jornalistas, é patrimônio fundamental da democracia e da luta pelas

transformações sociais, é a janela pela qual os movimentos podem se enxergar e ver o mundo, para que lado vai, e conhecer a própria força.

O I Fórum Nacional das TVs Públicas mostra que há decisão no governo de disputar o monopólio dos oligopólios da mídia privada e comercial, e ocupar os espaços de comunicação de massas, favorecendo com os seus meios técnicos e financeiros a expressão da diversidade regional e cultural do povo brasileiro. Não importa ficar discutindo o nome do Ministro, e a sua trajetória profissional recente. O Presidente foi claro sobre a concepção que deve guiar a nova TV, e que para tal missão o convocou. O maior desafio não é conquistar o meio, a mídia; esta está praticamente assegurada. O que falta, agora, são idéias, sermos capazes de produzir uma TV superior em qualidade e conteúdo, aos meios privados. O que não nos exime de combater, por meio da regulação, os oligopólios abertos ou ocultos, que buscam refúgio nas novas tecnologias e na convergência das mídias.

Sobre as intenções sinistras dos oligopólios privados não pode haver dúvidas: basta recordar a campanha eleitoral de 2006, as várias tentativas de golpe midiático, a guerra ideológica permanente contra os movimentos sociais e a ala mais progressista do governo. Quando o Presidente Lula assinou o decreto criando as RTVs, em 2004, a ABERT o criticou, o pressionou, mas também a FENAJ o criticou em nota oficial, associando-se de algum modo a pressão da ABERT. Queria que mandassem um projeto de lei, que JAMAIS seria aprovado neste Congresso. Naquele momento, o governo se intimidou e o decreto não caminhou. Desta vez, não podemos deixar o governo isolado.

Tal como ocorreu e ocorre constantemente na Venezuela, a guerra será dura. A resposta do governo Venezuelano tem sido ampliar a área pública, e está prestes a lançar o satélite de comunicações geoestacionário feito em parceria com a China, que vai independizar o nosso Continente inclusive do boicote tecnológico e até do risco do Império “cegar” as nossas comunicações, e oferecer um meio potente de retransmissão dos sinais das TVs independentes da América Latina.

Há que se deixar de lado todas as digressões acadêmicas sobre o perigo de uma “TV chapa-branca”, aliás, rechaçado pelo próprio Presidente Lula, ou o ranço anti-estatal, para fortalecer toda a área pública, estatal e comunitária de meios de comunicação, criando, “duas, três, mil emissoras” para que, finalmente, o povo brasileiro possa expressar o seu ser, a sua cultura, a sua informação e a mídia de rádio e TV tenha a sua própria cara. Provavelmente esta seja uma das maiores e últimas oportunidades para iniciar uma reviravolta à esquerda nas políticas deste governo de coalisão. Perdê-las seria imperdoável. ●

J.Posadas, fundador e organizador da IV Internacional Posadista



### Expediente “Revolução Socialista”

Órgão da Corrente Posadista do PT –  
Regulamentada junto ao  
Diretório Nacional

Continuação do Jornal “Frente  
Operária”, fundado em 1953.

Diretor Responsável :

C. Almeida – Reg. Prof. 049/SP

E-mail: revsocialista@yahoo.com.br

Página Web:

www.revolucaosocialista.cjb.net

Brasília DF

Circulação interna ao PT



## Do carnaval ao imenso canavial

Frei Betto

**O** Brasil é o país do carnaval. Aqui não se vive sem os cinco efes: fé, festa, feijão, farinha e futebol. Toda essa alegria está ameaçada de se transformar numa grande tristeza nacional caso o governo federal não tome, o quanto antes, severas medidas para impedir que o país se torne imenso canavial em mãos estrangeiras.

Estamos de volta aos ciclos de monocultura que, nos livros didáticos de minha infância, marcavam os períodos da história nacional: pau-brasil; cana-de-açúcar; ouro; borracha; café etc. Esta razão da recente visita de Bush ao Brasil, temos a matéria-prima e a tecnologia alternativas ao petróleo, energia fóssil prestes a se esgotar. Hoje, 80% das reservas petrolíferas se encontram no conflitivo Oriente Médio.

Construir usinas nucleares é dispendioso e arriscado, alvos potenciais de terroristas. A solução mais segura, barata e ecologicamente correta é a cana-de-açúcar e os óleos vegetais. Petróleo era um bom negócio quando o barril custava US\$ 2. Hoje não custa menos de US\$ 50. E não dá duas safras. Cana e mandioca, além de abastecer veículos e indústrias, dão quantas safras se plantar. Basta dispor da terra adequada e disto que, ao contrário dos EUA, há nos trópicos em abundância: água e sol. De olho nessa fonte alternativa de energia, Bush veio ver para crer. O etanol extraído de nossa cana tem a metade do custo do produzido pelo milho made in USA; 1/3 do preço do etanol europeu obtido da beterraba; e é, hoje, 30% inferior ao preço da gasolina, além de não poluir a atmosfera nem se esgotar.

Então o Brasil se tornará um país rico? Sim, se o governo agir com firmeza e detiver a ganância das multinacionais. Bill Gates e sua Ethanol Pacific já estão de olho nas terras de Goiás e Mato Grosso. Japoneses, franceses, holandeses e ingleses querem investir em usinas de álcool. Se o Planalto não tomar a defesa da soberania nacional, o imenso canavial Brasil estará produzindo combustível para os países industrializados que, na defesa de seus interesses, cuidarão da segurança de seus negócios aqui, ou seja, regressaremos ao estágio colonialista de República, não das Bananas, mas da Cana. E as próximas gerações correrão o risco de experimentar na carne o que hoje sofrem os iraquianos.

Assim como Monteiro Lobato, na década de 1940, clamou pela defesa do petróleo brasileiro, dando origem à Petrobras, é hora de exigir a criação da Biocombrás, a Companhia Brasileira de Biocombustíveis. Caso contrário, teremos nosso território agricultável retalhado pelo latifúndio associado às empresas multinacionais; a cana imperando no Sudeste; a soja e as pastagens desmatando ainda mais a Amazônia e provocando graves desequilíbrios ambientais. E é ilusão imaginar que a tecnologia de exploração da biomassa vegetal absorverá mão-de-obra. O desemprego e o subemprego (bóias-frias) serão proporcionais ao número de pés de cana plantados.

Bush não veio aqui preocupado com a miséria em que vivem milhões de brasileiros, sobretudo os migrantes expulsos do campo e amontoados nas favelas em torno das grandes cidades. Nem interessado na pequena propriedade rural e na agricultura familiar. Veio soprar nos ouvidos do presidente Lula para o Brasil dar as costas à Venezuela petrolífera de Chávez e erguer seu copo de garapa orgulhoso de sua energia vegetal, feliz porque vão chover álcooldólares na lavoura nacional. O Brasil entra com a terra, a água e o sol, e um pouco de mão-de-obra barata, eles colhem, exportam e vendem o produto via Monsanto, Cargill e congêneres, aplicando os lucros lá fora. Ficam com o verde da cana e dos dólares e, nós, com o amarelo da fome, como descrevia Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo*.

O mínimo que se espera do presidente Lula é que siga o exemplo de Chávez e defenda os interesses nacionais. A empresa venezuelana equivalente à nossa Petrobras era a sócia minoritária na exploração do petróleo do país vizinho. Agora Chávez reverteu a equação: a partir de 1º de maio a Venezuela fica com 60% das cotas e as empresas estrangeiras com 40%.

Foi o clamor popular que, no passado, obrigou o governo a ouvir que "o petróleo é nosso". É hora de clamar pelo etanol e impedir que o imenso canavial Brasil multiplique o trabalho escravo, aumente o número de bóias-frias e devaste o que nos resta de florestas e reservas indígenas. ●

### Os perigos do alinhamento com os EUA na questão energética e a necessidade da EMPRESA BRASILEIRA DE AGROENERGIA



Micro-usina de álcool construída por Marcelo Guimarães em Minas Gerais

**N**os bastidores da questão energética estão em jogo forças aliadas a interesses econômicos de grande porte, grupos transnacionais, Bill Gates, Soros, bancos franceses, grupos financeiros como a Mitsubishi. E o que é concreto é que as forças do grande império, diante do previsto esgotamento das energias não renováveis e da eminente derrota política e social na guerra do petróleo no Iraque, procuram alternativas de alcance estratégico que, previsivelmente, não excluam as opções militares, a começar pela ocupação "pacífica": chama a atenção, neste sentido, a velocidade com que grandes grupos multinacionais, estão comprando grandes extensões de terras brasileiras a preço irrisório para a monocultura da cana-de-açúcar e investindo na construção de mega-usinas, para a exportação e alimentação do seu parque automobilístico e bélico. Para isto, os norte-americanos já criaram quatro empresas de âmbito mundial e com sede nos EUA, e uma Câmara de Comércio de Energia Renovável, sob a presidência de Jeb Bush, irmão do presidente Bush, tendo como representante do Brasil Roberto Rodrigues, ex-Ministro da Agricultura do governo Lula, representando a FIESP e ligado à Monsanto e ao agronegócio estrangeiro, inimigos do pequeno produtor nacional. Ou seja, enquanto o império organiza seus instrumentos, no Brasil foi demolida a Secretaria de Tecnologia Industrial, que implantou o Pró-Alcool, e seguimos sem uma alavanca centralizadora.

Porém, não se pode dizer que a batalha esteja perdida. Isto pode ocorrer, se não se entra urgentemente em campo. É preciso considerar que foi o próprio Lula a lançar a idéia de uma **Empresa Brasileira de Agroenergia (EBA)** e de uma produção de biocombustíveis baseada na agricultura familiar, o que, rigorosamente não está ocorrendo. Entretanto, a proposta responde não só aos interesses dos agricultores, mas também de setores nacionalistas, intelectuais, cientistas como Bautista Vidal, militares, sindicatos, movimentos sociais e clero progres-

sista, bem sintetizados no artigo de Frei Betto (veja ao lado).

Às ameaças de dominação completa das transnacionais e agronegócios, cuja ponta do iceberg é a vinda de Bush, é preciso opor urgentemente a mobilização das forças populares, unificando o grande anseio de defesa da nação brasileira, que não morreu, desde a Campanha Popular pelo "O Petróleo é Nosso" e a criação das Petrobrás por Getúlio Vargas. É preciso levantar a campanha da "Agroenergia é nossa!", a partir dos pequenos e médios agricultores, combinando a luta pela Reforma Agrária com a implantação de uma **Empresa Brasileira de Agroenergia** em mãos do Estado.

Há dentre os elementos contraditórios deste governo, alguns fundamentais nos quais se apoiar para levar esta luta. O posicionamento discordante de Lula quanto aos ataques de Bush contra o Irã na questão da energia nuclear; a resolução do Brasil de aderir ao Banco do Sul proposto pela Venezuela, Equador e outros países, a predominância da linha de integração com a Venezuela, Argentina, Equador, Bolívia, Nicarágua, Uruguai e Chile; a participação brasileira na I Cúpula Energética da A. Latina, a assinatura de novos acordos de cooperação no campo petrolífero com a Venezuela, e a atitude de busca de acordo e entendimento mesmo em problemas espinhosos e complexos como o da nacionalização dos recursos petrolíferos pela Bolívia, indicam uma linha diplomática alinhada com a frente mais avançada de resistência ao imperialismo existente atualmente.

É preciso dar uma forma institucional para que o redirecionamento do projeto agroenergético esteja submetido às necessidades das massas pobres do país. Somente a planificação estatal pode criar uma política de créditos, de preços, de comercialização, de geração de emprego, de garantias nas relações de trabalho no campo, de garantia da produção de agrocombustíveis sem prejuízo da produção de alimentos. ●

**A BIOMASSA É NOSSA!**  
**Campanha Nacional já pela criação de uma EBA**  
**(EMPRESA BRASILEIRA DE AGROENERGIA)**

## A falência do modelo neoliberal na América Latina

Passados nada menos do que uma década da queda da União Soviética, de acentuada agressividade do capitalismo internacional, e de concentração das riquezas das transnacionais e do capital financeiro, eis que se inicia uma nova era, a da insurgência, como disse Fidel. Abre-se um processo irreversível de contraposição, de rebelião contra este processo perverso do imperialismo anglo-americano. Na América Latina e no mundo as massas organizam-se para reverter este processo, questionando os modelos neoliberais privatizantes e impondo governos nacionalistas, que protagonizam o Estado como detentor e organizador das riquezas sociais em benefício das classes mais desfavorecidas do continente. A própria Rússia, centro da crise da ex-Urss passa por um processo de re-estatização do petróleo, da rede de TV, do sistema bancário e recoloca na sua bandeira a foice e o martelo.

O “fim” da guerra fria veio demonstrar que isto só veio fortalecer o aparato bélico dos EUA e suas ações de anexação de países, para atender seus interesses como o petróleo do Iraque, ou a ocupação do território brasileiro “pacificamente”, através da compra de grandes extensões de terras para a exportação de agroenergia a fim de suprir exclusivamente suas necessidades.

---

### ALBA E UNASUL

---

A América Latina tornou-se um vulcão explosivo contra 500 anos de colonialismo e opressão do capitalismo neoliberal dos últimos decênios. A reação é em cadeia e de forma coordenada. Apoiando-se na chama resistente de Cuba, a consciência popular superou as barreiras da paciência e tem imposto governos e lideranças, como Hugo Chávez, Evo Morales, Rafael Correa, Lula, Kirchner e Ortega, e tem criado movimentos e formas de participação social, estabelecendo a aspiração comum de uma integração latino-americana. Eis a Cúpula da ALBA que consagra a UNASUL (União das Nações da América do Sul), enterra a ALCA e firma o compromisso de acabar com o analfabetismo em toda a região abarcada pela ALBA em 3 anos, assina 14 projetos de saúde, educação, cultura, comércio justo, ambiental e industrial, e cria um Fundo ALBA para investimento e cooperação entre os países. Concomitantemente se reali-

zou o Primeiro Encontro de Movimentos e Líderes Sociais, que se incorporam no esquema da ALBA para um trabalho conjunto e com poderes de decisão nos projetos.

A integração está aí em marcha e é já um fato. Ela se viabiliza porque existe uma liderança disposta como Chávez a centralizar os povos e dar-lhes o norte justo, no rumo do socialismo. A integração passa por Telesul, Banco do Sul, Universidade do Sul, Gasoduto do Sul e ALBA, e é preciso que as forças políticas participantes, estabeleçam objetivos que norteiem tais instituições dentro de metas revolucionárias que rompam com os interesses econômicos das multinacionais e que afirmem os interesses de Estados soberanos, representando claramente a aspiração democrática e socialista dos povos da América Latina. Chávez, foi recebido com ovação na Argentina e na Bolívia, em contraste com o giro fúnebre de Bush repudiado por manifestações de protesto dos movimentos sociais no Brasil, Uruguai e Colômbia. Já há um consenso nas massas latino-americanas de que a integração viável é a do socialismo, e de que as medidas aplicadas na Venezuela servem de referência para o que é possível e necessário fazer em todos os países para percorrer este caminho.

---

### A Venezuela e a Bolívia rumo ao socialismo

---

Neste primeiro de maio, além do aumento de 20% do salário mínimo, o Estado venezuelano acaba de decretar várias medidas de interesse social. Uma delas, assumir através da PDVSA o controle majoritário das faixas petrolíferas do Orinoco e acabar com os contratos de risco das multinacionais. A outra é a não renovação da concessão à RCTV (no pleno respeito das leis da comunicação e da Constituição), por 53 anos em mãos de um clã mafioso e golpista, restituindo o direito democrático do povo no controle social do espectro radioelétrico. E finalmente, outra medida, a criação oficial do Partido Socialista Unido da Venezuela. Com isso se prenuncia o avanço do governo ao poder. Chávez conclama a classe operária a assumir o papel protagonista da revolução. O Partido é um instrumento político necessário na construção do socialismo; unificador e controlador, junto ao exército revolucionário, frente aos



Os presidentes Chávez, Lula, Evo Morales e Nicanor Duarte lançam a pedra fundamental do Complexo Petroquímico de Jose por ocasião da I Cúpula Energética da América do Sul.

riscos da burocracia e da corrupção, gergens da contra-revolução. Algumas direções sindicais míopes e restritas ao sindicalismo reformista não estão dispostas a assumir uma função política; por isso não vêem a importância de apoiar um partido revolucionário unificado de massas, e terminam cumprindo uma função desagregadora. Referindo-se aos que não aderiram ao PSUV, e aos “social-democratas traidores”, Chávez citou Trotsky, e fez um apelo à unificação das forças em torno da revolução bolivariana; ao mesmo tempo, deixou claro que no PSUV vigorará a plena liberdade de correntes e estimulará a batalha de idéias na construção do socialismo.

Na Bolívia, Evo Morales aprofunda as nacionalizações das minas e do gás, e os mineiros e camponeses estabelecem o controle operário, mirando o socialismo do século XXI. Os mineiros bolivianos, em pouco tempo, melhoraram as condições de trabalho, incorporando as cooperativas privadas que se baseavam na super-exploração de famílias e da mão de obra infantil. Em Huanuni foram incorporados os “privados” à empresa estatal que soma hoje em torno a cinco mil mineiros, sindicalizados. A classe operária conseguiu superar a “guerra entre os pobres” que produziu dezenas de mortos e feridos no ano passado. E como bem recordado por H. Chávez, no comício em El Alto no seu último giro, os militares têm uma função importante a cumprir na defesa da soberania dos povos, como o fez Juan José Torres na Bolívia, presidente, nacionalista e revolucionário, promotor nos anos 70 de uma aliança mineiro-camponesa-militar, e por isso assassinado pela CIA.

---

### O nacionalismo revolucionário

---

A tradição de movimentos militares nacionalistas da América Latina, como a do

peronismo, de Getúlio Vargas, de Juan José Torres na Bolívia, Velasco Alvarado no Peru, Arbens na Guatemala, que deu fundo para as teses de J. Posadas como “O papel dos militares nacionalistas” ou “Do nacionalismo ao Estado Revolucionário”, hoje é reconhecida por Fidel Castro na sua entrevista a Ramonet no livro “*Cem horas com Fidel*”, e está materializada no Estado Revolucionário venezuelano. Não há que esquecer Humala Ollanta. Perdeu por pouco as eleições, mas continua sendo uma força latente do nacionalismo peruano que não dá estabilidade ao neo-liberal Alan Garcia.

Soma-se a esta pressão integradora das massas latino-americanas, a eleição de Rafael Correa no Equador, sua vitória esmagadora de 80% pela Assembléia Constituinte. Tudo indica que o Equador de Correa pesa fortemente a favor de uma integração de cunho socialista: a defesa imediata das nacionalizações, do Banco do Sul, o fechamento da base americana, e as declarações de revisão das privatizações e concessões do Estado para que este recupere o controle de setores estratégicos como o petróleo, a mineração, a eletricidade e as comunicações.

---

### A Primeira Cúpula Energética da América do Sul

---

A questão energética passa a ser fundamental para a humanidade, e a América Latina pode cumprir um papel exemplar na integração deste continente de riquezas minerais, petrolíferas, florestas, biomassa, sol, vento e água como patrimônio social das massas latino-americanas. Não há contradição entre a exploração petrolífera e a da bioenergia, se o controle dessas riquezas estiverem em mãos de governos que respeitem os interesses dos povos, dos trabalhadores, camponeses e indígenas; em

mãos do imperialismo, significam guerra, como já vemos dramaticamente no Iraque. A Venezuela e a Bolívia logram finalmente colocar o petróleo em mãos de um Estado revolucionário e em benefício do povo. Esta I Cúpula Energética da América do Sul realizada em Margarita na Venezuela foi uma boa resposta inicial à pretensão de Bush de imperar dividindo. A Venezuela oferece o petróleo da faixa petrolífera do Orinoco para assegurar a estabilidade energética da América do Sul.

O Brasil, por sua vez, possuidor do maior potencial energético de biomassa do continente, tem tudo para ser um grande benfeitor do outro pólo energético, o do álcool e o da agroenergia, se romper com o esquema das transnacionais de Bush e do capitalismo internacional. O Brasil pode propor um projeto unificador através da criação de uma "OPEP Verde" para a integração energética dos povos. Porque não propor à Bolívia, como ao Peru e à Colômbia, a reversão da atividade produtiva da coca para agroenergia alimentar e combustível? Mas, certamente, sem uma EBA (Empresa Brasileira de Agroenergia) onde o Estado brasileiro planeje, controle e comercialize a distribuição, é impossível entrar em qualquer projeto integrador nos moldes de favorecimento da agricultura familiar na América Latina.

Dentro do espírito revolucionária, há campo para a plena integração energética na América Latina. O imperialismo joga com o poder da mídia para instigar a desunião dos povos latino-americanos. Não há disputas entre Venezuela e Brasil. É a ira ianque contra os vários acordos de cooperação que vão desde o Orinoco à refinaria Abreu de Lima em Pernambuco. O Brasil já construiu mini-usinas de etanol em Cuba. Esta, por sua vez, acaba de fazer acordos de instalação de 11 usinas de álcool na Venezuela.

Por outro lado, há discussões objetivas e fraternas a serem feitas entre as direções revolucionárias sobre como melhor respeitar os parâmetros sociais e ecológicos da produção energética.

Por exemplo, a oferta de compra total do etanol brasileiro por parte da Venezuela, desprovida das taxas alfandegárias dos EUA, é importante para romper a dependência do Brasil ao mercado dos monopólios internacionais. Ao mesmo tempo, corre-se o risco de favorecer a estrutura latifundiária atual da produção do álcool, se não houver uma EBA, onde o Estado favoreça os pequenos e médios agricultores na comercialização com os demais países da A. Latina. Junto às lutas camponesas pela Reforma agrária, que não dependam da dinâmica deste processo, é fundamental a criação da EBA já.

Há que discutir a nível continental teses demonstrativas de que o petróleo vai

acabar no planeta em 40 anos, e que o Brasil sendo possuidor de uma grande riqueza tropical tem tudo para produzir combustível renovável, limpo e a baixo custo, combinadamente com alimentos para o povo do inteiro continente, dependendo da forma de produção e se houver planificação estatal. Há experiências exemplares de pequenos agricultores produtores de bioálcool-cachaça-gado a partir de canaviais de pequena extensão de terra. Experiências deste tipo já foram levadas pelo engenheiro Marcelo Guimarães a Cuba, demonstrando que bastavam 10% da plantação de cana-de-açúcar do país para gerar auto-suficiência energética.

Em muitos países, como o Brasil, principalmente em se falando de cana-de-açúcar e não de milho, é necessário considerar que a utilização justa, com fins sociais, e unida a medidas de reforma agrária, a bioenergia pode ser uma solução revolucionária, podendo perfeitamente combinar a produção de combustível a alimentos. Há inúmeros estudos científicos brasileiros que o demonstram. Cuba, sendo um Estado Operário, já tem a estrutura que prima o bem social, a emulação consciente de um povo que permite acionar campanhas sociais como a das lâmpadas de menor potência; tem tudo para utilizar a produção da cana-de-açúcar sem depender da sua exportação para importar petróleo, e sem favorecer agro-negócios multinacionais, nem a indústria dos automóveis de luxo.

Cuba tem a grandeza histórica, como Estado operário de exportar bens sociais, médicos, enfermeiros, remédios e vacinas, totalmente desprendidos do interesse particular de um ou outro setor econômico, mas sim, emulados pela solidariedade internacionalista. E tem pensadores, cientistas e um Partido que podem pesar numa planificação energética que melhor absorva as potencialidades do país, incluindo sol e biomassa, com um projeto de diversificação da produção, de álcool combinado com alimentos, assumindo uma tecnologia própria de motores a combustível ecológico para um eficiente parque industrial de transportes coletivos, ônibus, tratores e caminhões. Um projeto de intercâmbio tecnológico é perfeitamente possível contando com as melhores forças progressistas do governo Lula, com Chávez e os demais países da ALBA. Desta forma se impõem relações de Estado. Isto exigiria do Brasil uma instituição estatal como a EBA. Além disso, pode tornar realidade uma "OPEP Verde". Seria importante se os países da UNASUL também criassem suas respectivas empresas nacionais de agroenergia viabilizando um sistema continental do sul de empresas interconectadas, e dessa forma concretizar os objetivos integradores estabelecidos na I Cúpula Energética da América do Sul.

## O direito soberano do governo e do povo venezuelano

*Viva a nova TV Venezuelana Social (TVES)!*

A não renovação, legal e constitucional, da concessão à empresa privada, reacionária e golpista da RCTV para utilização do espectro radioelétrico da nação venezuelana merece o apoio incondicional de todos os brasileiros que respeitam verdadeiramente a democracia e o direito soberano dos povos.

Os grandes grupos econômicos, orquestrados por Bush e CIA, detentores do oligopólio da mídia, alçam a bandeira negra da "falsa democracia", instigam e conspiram contra a Revolução Bolivariana e a integração latino-americana. Os histéricos senhores da guerra são os mesmos que já antes acionaram seus potentes instrumentos midiáticos privados, para fabricar documentários e falsas notícias e imagens justificando a guerra dos mísseis, espargindo bombas de "democracia" para massacrar o povo da Iugoslávia e do Iraque. E porque nunca o Senado brasileiro tirou uma moção de condenação a tão monstruoso desrespeito à democracia e à legalidade internacional da ONU? Onde estavam estes senadores "democráticos" brasileiros que ousaram tirar uma moção contra Chávez, desrespeitando a soberania da Venezuela?

Como nunca na Venezuela, se está dando o exercício pleno da democracia popular. O presidente Chávez foi eleito e reeleito várias vezes desde 1998 pela imensa maioria do povo. Finalmente "a liberdade de expressão é de todos e de todas" como dizia o slogan de uma gigantesca manifestação popular realizada no dia 2 de junho em Caracas, um longo rio vermelho de pessoas, de mais de 4, 5 quilômetros de trabalhadores, camponeses, estudantes, em apoio à medida presidencial de retirada de concessão à RCTV. Alguém viu esta notícia nos jornais e na TV brasileira? Ocultar isto é um crime de informação. Isso é guerra nas telas de televisão. Não fossem as imagens e o serviço público da *Telesur* que chegaram aos rincões da América Latina, o breu seria total, como numa guerra nuclear.

O clã mafioso e oligárquico que dominou por 53 anos parte importante do espaço radioelétrico pensou que a concessão era ilimitada. Os limites foram impostos pela lei, pela Constituição e pelo povo. Porque a mídia aqui ocultou esta manifestação de 2 de junho? Que democracia é esta? É o temor dos oligarcas e financeiros no Brasil, amigos do clã da RCTV e do império, que mostram somente as manifestações da minoria burguesa abastada das escolas privadas, manipulada pelos golpistas. Isso sim, é instigação à violência, à desunião dos povos.

O pretendido desentendimento entre o governo Chávez e Lula, por culpa da intromissão do Senado brasileiro nas questões internas da Venezuela, é instigado pela grande mídia burguesa, porta-voz dos opositores



Luis Laya

O que a imprensa no Brasil ocultou: a gigantesca manifestação em Caracas no dia 2 de junho em apoio a Chávez

aos acordos que estão sendo estabelecidos entre os dois países, com um papel preponderante da Venezuela na articulação do Mercosul e da ALBA. Lula bem reafirmou que "Hugo Chávez é um parceiro e não representa um perigo para a América Latina". Como disse também o presidente Ortega da Nicarágua: «A Venezuela e o governo do presidente Chávez tem sido fundamentais para o processo de integração da região sul-americana. Quem se mete com a Venezuela, se mete com toda a região».

Os senhores da oligarquia brasileira, Sarney, Antonio Carlos Magalhães, os poderosos ligados à Globo temem que o exemplo da Venezuela se estenda ao Brasil; provocam e intrigam Lula para que não siga o exemplo da revolução bolivariana. Antes mesmo desta medida com a RCTV, Chávez já desde 2002 regulamentou 195 meios de comunicação comunitários, criou a Lei de Responsabilidade Social na Rádio e Televisão, registrou 10.778 produtores nacionais independentes, deu apoio financeiro do Estado, estimulou a difusão da música e das obras culturais venezuelanas. A nova TVES objetiva continuar estas conquistas; dar espaço para a cara, a voz e a cultura do povo. E isso é só o início. Estes senadores que não se ocupam dos graves problemas sociais do Brasil, e se fazem valentes pela "democracia", sabem perfeitamente que o governo venezuelano tem sido demasiado paciente e respeitador dos interesses privados e da oligarquia. Estes têm sido detentores de 78% das estações de TV do espaço radio-elétrico. Mas, se não cumprem com as regras constitucionais, e utilizam um bem público para seus interesses privados, instigando a violência e o golpe de estado, correm o risco, que a democracia popular lhes imponha o mesmo fim da RCTV. Agora é a hora da democracia das maiorias e o fim da ditadura das minorias. Neste 2 de junho, o povo venezuelano se declarou em pé de luta, vigilantes e alertas nas fábricas, quarteirões, escolas, estradas e campos, inaugurando o seu PSUV com 5 milhões de inscritos, para assegurar a irreversibilidade das suas conquistas revolucionárias.

# Irã: Entre reforma e revolução

O Irã se encontra no meio de um turbilhão de fatos e eventos que o conduzem a uma situação onde tudo adquire uma conotação de reação ou revolução. As vias reformistas capitalistas estão já queimadas pelas tentativas anteriores; reformas que não ocorreram e tomaram características de usurpação ou de liberalismo da OMC ou de outras organizações imperialistas. Reformismo que se tivesse continuado teria submetido o Irã às trágicas consequências da globalização imperialista.

Uma das razões da falência das tentativas reformistas é a inexistência de uma sólida classe burguesa, que na tentativa de organizar um Estado islâmico capitalista conseguiu somente criar uma super-estrutura burocrática mafiosa e ramificada nos grandes aparatos do poder político e econômico, mas separada da sociedade iraniana, criando uma profunda discriminação social; um abismo entre o extrato usurpador mafioso, enriquecido rapidamente, através da guerra e das facilidades internacionais capitalistas, e a maior parte da população. Isto se configurou geograficamente com uma enorme concentração em Teerã, às custas da agricultura, das tribos nômades e dos tecidos sociais já abalados violentamente pela guerra passada entre Irã-Iraque. Um Irã essencialmente agrícola, sem se transformar num país industrial que pudesse justificar a concentração nas cidades. Em pouco tempo afluiu 73% da população em direção às periferias das cidades; uma migração forçada, dado que as pequenas empresas familiares, ou as tribos nômades autônomas, e parte do eco-sistema, foram obrigadas a emigrar para as cidades, tornando-as invivíveis, sem identidade, infraestrutura, emprego, suporte social e com tanta miséria e violência como em todas as metrópoles capitalistas do chamado terceiro-mundo.

## As privatizações no período anterior de Rafsanjani e Khatami

Após a revolução, a grande propriedade concentrou-se nas mãos do Estado; e a Constituição prevê os serviços sociais gratuitos. Nos 8 anos da política de “equilíbrio” de Rafsanjani, a propriedade do Estado foi parcialmente privatizada e manipulada pelas famílias incrustadas no poder burocrático. Mas, não ocorreu uma verdadei-



O presidente Ahmadinejad com grande consenso popular

ra privatização e a união entre os Bancos e os Poderes judiciário e policial arrasava a todos, pequenos e médios, que tentassem criar uma atividade produtiva, subordinando-os aos usurários e depois, enviando-os à prisão. A privatização foi uma forma mercantil de entrelaçamento como se a propriedade fosse a mercadoria para ser compartilhada, passando de mão em mão até aumentar falsamente o seu valor. Os hospitais foram privatizados e fechados para aqueles que não podiam pagar. Grandes fábricas faliram, depois foram privatizadas e apropriadas gratuitamente, ou com as facilidades bancárias, presenteadas e depois, vendidas de forma rentável. A mudança da destinação do uso, virou lei. Os arrozais e os pequenos campos de chá viraram mansões; os mercados e os parques viraram arranha-céus; bairros populares desintegrados e cancelados deram lugar a edifícios construídos com dinheiro sujo; florestas destruídas e as minas privatizadas para o uso das quadrilhas das exportações.

Durante os 8 anos de Khatami as privatizações e a vontade de estruturar a burguesia continuaram, mas desta vez a nível internacional e submetida às políticas imperialistas do OMC. Ele aplicou uma lei, ainda em vigor, que veta a intervenção do Estado nas atividades produtivas e econômicas. Foi um desastre. Iniciou a eliminação dos subsídios sociais. Uma tragédia para um país economicamente atrasado onde tantas famílias vivem graças à ajuda direta do Estado. Isso levou a um enfrentamento com as fundações e as organizações sociais, criando um grande descontentamento das massas que há um ano e meio derrubaram a direção política das instituições.



O império de Bush, depois do Iraque, prepara um ataque ao Irã

## O debate interno

Um novo poder executivo trabalha agora entre reforma e revolução. É uma formação sem Partido, sem um programa anti-capitalista bem definido. Não pôde limpar o aparato administrativo dos velhos personagens corruptos, mas em cada semáforo vermelho fez descer alguém. Não pôde escolher os ministros como queria e além disso se defrontou imediatamente com o novo parlamento que, apesar de estar no mesmo campo, tem diferentes cumprimentos de onda mesclados num complexo reformista, dedicado a pequenos negócios, enredado em pequenas leis, que buscam contentar a todos. Um ministro propôs que o salário não podia superar 7 vezes o mais baixo. Um outro propôs 10 para 1. Porém, não conseguiram abaixar aqueles máximos, incalculáveis e intocáveis, e nem elevar os mais baixos. A oposição e parte dos fundamentalistas alegam que “é impossível porque isso criaria inflação, porque não há fundos”. A solução intermediária que encontraram foi congelar os altos e aumentar gradualmente os baixos, de trás para a frente, mudando pouco e deixando intacto enormes privilégios.

O obstáculo principal é a oposição obtusa do poder judiciário contra a depuração dos terroristas do sistema econômico financeiro. É uma guerra com vários incidentes. O incidente mortal ao ministro da justiça que começava a abrir os nomes dos ladrões já condenados, e a fuga ao exterior de um grande especulador, levaram à queda de 4 poderosos do judiciário, indicando o início da sua desarticulação. Sem a máscara judiciária o aparato mafioso fica nu e desmembrado.

## Ahmadinejad fala com o povo

O presidente Ahmadinejad atíça o fogo do povo; incita as massas, durante as sessões do seu governo itinerante, para que intervenham. O povo grita, sobretudo as mulheres jovens que agitam as faixas de reivindicações, junto a milhões de cartas, denúncias e pedidos. Não podendo superar os obstáculos, o presidente os manobra mobilizando continuamente as massas intervindo com os meios do poder executivo que são tantos! Ele fala da planificação centralizada e da aplicação descentralizada, escreve contra a burocracia, a sua história e o seu peso parasitário: “quanto maior é a participação das massas na administração dos seus interesses, mais diminui o peso da burocracia e do Estado”. Essa é uma concepção revolucionária. Ao mesmo tempo, retirou o poder hierárquico da Organização da Programação e Orçamento que concentrava tudo nas próprias mãos, conduzindo, permanentemente, viagens inúteis de 350 dirigentes de diversos locais até Teerã, para dar com a porta fechada na cara. Ahmadinejad deu financiamento e poderes de decisão às secretarias regionais, que são designadas pelo ministro do interior para contornar os poderes fortes, civis e religiosos das máfias locais. Mas, quem controla o controlador? Neste caso, Ahmadinejad se dirige diretamente à população e a incita a intervir e denunciar, e a criar sintonia e ressonância. Agora, cabe aos Conselhos locais tornar-se idôneos para as suas próprias tarefas.

Estamos entre reforma capitalista e revolução. Finalmente se pretende aplicar o artigo da Constituição que afirma a economia mista, entre 20% estatal, 40% privada e 40% cooperativista. Esta última foi a Cinderela nos precedentes 16 anos e cancelada do orçamento do governo Khatami, mas agora, o Executivo pretende dar-lhe maior peso com o próprio Banco e o orçamento. Estamos na terceira onda de privatizações; mas desta vez realizada por um poder híbrido revolucionário. A partir do momento em que este artigo entrou em vigor, Ahmadinejad iniciou a socializar as propriedades compreendidas nos 40% cooperativista da economia, e distribuiu, até o momento, as ações das fábricas ativas a até 9 milhões de famílias pobres e camponesas, e operárias no próximo passo. Essas são ou não são medidas revolucionárias? Não são medidas anti-capitalistas, mesmo que não sejam assim denominadas?

Naturalmente, ele é atacado como quem esbanja riqueza ou como um populista. Os liberais e a máfia estatal, por sua vez, tratam de combatê-lo com a privatização veloz e de baixo custo das ações dos gigantes da siderurgia, da mineração do cobre de Kirman, mantendo os monopólios e a distribuição; sem contar que ainda não é clara a destinação das indústrias petrolíferas. Os poços, as indústrias militares, o Banco e a

Companhia de Seguro Centrais fazem parte da quota de 20% do Estado. Uma Bolsa transparente deveria controlar as transações limpas, e por isso, expulsaram toda a gestão precedente da Bolsa. Mas, a compra de milhões de toneladas de aço por parte de um Banco privado e o salto do seu preço demonstra a impossibilidade de reformar o sistema com boas maneiras, e como este é inconciliável com a necessidade das transformações sociais.

Apesar da lei contra a intervenção do Estado na economia, o governo oferece terreno grátis como forma de abaixar o preço das casas <sup>(1)</sup>. Mas não basta isso, enquanto o aço e o cimento, como o açúcar, a pesca ou a fruta, tiverem os seus próprios sulhões e especuladores privados.

#### Irã e a sua política exterior

No campo internacional as coisas são claras: o afã dos imperialistas em sufocar o Irã com o pretexto do nuclear, é por medo ao novo poder que cria obstáculo aos planos imperialistas na zona. Não é casual que os governos revolucionários da Venezuela e de Cuba se aliem ao iraniano com uma atividade comum como o Banco Irã-Venezuela, destinando dois bilhões de dólares para o desenvolvimento da América Latina e outras atividades agro-industriais. Igualmente, não são casuais os acordos com o governo palestino do Hamas, ou da Síria, e os mercados e infra-estruturas interligadas com os países limítrofes como Iraque, Turquia, Arménia, Azerbaijão, Rússia, Afeganistão, Paquistão e Índia. Em geral, o Irã expressa relações de forças mundiais que a protegem, que são a Federação Russa, a República Popular da China, a Índia e o Paquistão, apesar de todos os problemas em que se encontram.

Ahmadinejad diz que o trem da revolução já partiu e que deixou de lado o freio da energia nuclear. Enquanto isso coloca no "mercado" um remédio, à base vegetal, contra o AIDs, grátis, feita em colaboração com os cubanos. É um processo revolucionário que deve combinar cada passo reformista com medidas sociais e revolucionárias. É uma revolução permanente. Um trem que não vai parar na estação de um capitalismo sui generis, que, se não sair do trilho, continuará até transformar-se completamente. Se não se toma uma decisão rápida seguindo o trilho das medidas revolucionárias, o trem tomará a direção do trilho minado. Os ministros da Economia e o da Bolsa propõem abrir os bancos privados externos e

vender até 33% das ações estatais à Bolsa internacional. O governo não pode acessar os petrodólares depositados no exterior, enquanto deve fazer empréstimos com juros altíssimos. Ahmadinejad deu ordem de substituir a direção corrupta da Companhia de Seguro Estatal do Irã, criticando o ministro da economia, e indiretamente a magistratura, provocando uma reação furiosa dos ambientes próximos à Direção Suprema que insiste sobre uma via intermediária, enquanto o Parlamento treme. Mas, o Irã não pode mais voltar para trás. Se Ahmadinejad cai, não vencerão o neoliberalismo e a globalização capitalista. A situação é bastante explosiva.

A não solução de um conflito no Líbano deixou aberta a mão ao imperialismo que está atizando fogo para intervir militarmente, buscando a justificativa na provocação de um grupo, ativo também no Iraque. Mas, estas armas não podem deter a força do Hesbollah que conta com o apoio quase total da população. Agora ele é mais forte que durante a guerra dos 33 dias. Anos atrás, depois do assassinato de Rafiq Hariri por parte de Israel, o Hesbollah declarou que o Líbano não era uma Ucrânia, que não foi uma revolução de veludo laranja. Agora a Rússia vende 50 mísseis à Síria, que oferece 10 ao Irã, contornando o embargo; e mesmo a França, amiga de Siniore, mantém uma linha crítica aos EUA sobre o Líbano. O presidente do Irã, Ahmadinejad, já advertiu que se ousarem fazer do Líbano um outro Iraque, isso terá graves consequências para o Estado sionista. O imperialismo está provocando uma bomba incendiária, demonstrando a queda das suas posições em todo o Oriente Médio, caso perca o fantoche governo de Siniore. ●

#### Do nosso correspondente no Irã

(1) Devido ao anterior cancelamento das Normas de Edificação, se havia estimulado uma maior renda e especulação imobiliária, aumentando a incidência do valor do terreno no preço das casas.

#### Adquira:

#### O PENSAMENTO VIVO DE TROTSKY

De J. Posadas

(portugues e espanhol)

Edição Ciência,  
Cultura e Política

Pedidos:

revsocialista@yahoo.com.br

**"REVOLUÇÃO SOCIALISTA" na Internet**  
**www.revolucaosocialista.cjb.net**  
**revsocialista@yahoo.com.br**

## A necessidade de uma nova lei sobre o aborto e a inútil viagem do Papa ao Brasil



O Papa Bento XVI, o indisfarçável cardeal Ratzinger, inquisitor dos irmãos Boff e dos padres brasileiros da Teologia da Libertação, chegou ao Brasil como embaixador das piores forças conservadoras do imperialismo, para conter a atuação do clero progressista no Brasil e usar o poder do Vaticano para conter a vontade transformadora das massas católicas pregando a resignação e a submissão ao poder da Igreja.

Sua presença, entretanto, caiu no esquecimento antes que seu avião aterrisasse em Roma. Não foi capaz de reunir as multidões que o Papa Wojtyla havia conseguido. Não foi capaz de dar uma idéia sequer para intervir nas soluções para as questões sociais prementes que afligem os povos da América Latina, ao contrário, ignorou o sofrimento dos mais pobres, e mentiu ao declarar que os indígenas não foram catequizados à força, mostrou-se indiferente ao sofrimento das mulheres obrigadas à opção pelo aborto, e reduziu todos os problemas do mundo ao cumprimento estrito da sua versão conservadora da liturgia católica.

Entre os problemas ignorados, está a existência de 1 milhão de mulheres e adolescentes, sobretudo das camadas mais pobres da população, que se submetem a abortos a risco a cada ano, fora do controle e da assistência do sistema sanitário nacional; enquanto que, por outro lado, as mulheres das famílias com alto poder aquisitivo recorrem igualmente ao aborto, engordando o caixa de centenas de clínicas privadas com maior poder de extorsão devido à ilegalidade formal.

As declarações do Ministro Temporão e do próprio Lula qualifi-

cando o aborto como questão de saúde pública é um exemplo do desentendimento até mesmo a nível diplomático com o Vaticano nessa questão, como também no rechaço à reintrodução do ensino religioso obrigatório.

O aborto é uma questão social; é absurdo não garantir as mínimas condições de sobrevivência, de trabalho e de educação, e criminalizar, ao mesmo tempo, as mulheres de um país onde 90% estão abaixo das possibilidades mínimas de sobrevivência, falando hipocritamente de "vidas humanas". Os inimigos da vida humana são aqueles que benzem as armas e os mísseis da guerra imperialista no mundo, e usam a religião como ópio do povo e não como elemento de estímulo à fraternidade, de amor aos pobres, como o fazem os padres brasileiros ligados às causas sociais, à Pastoral da Terra, e mesmo à própria CNBB. Atentado à vida é reduzir a idade penal aos jovens marginalizados e despojados do direito a uma vida digna e feliz.

Finalmente o governo intervém para ajudar as camadas mais pobres na saúde, na planificação familiar, tratando de romper o monopólio da indústria multinacional dos remédios. É preciso também conquistar uma lei do aborto que assegure a proteção do Estado à mulher, como em Cuba, ou mesmo em países mais avançados do capitalismo onde esse direito foi imposto com a luta das mulheres, dos movimentos feministas, socialistas, comunistas, católicos progressistas, como um elemento de respeito à dignidade humana. Os hospitais públicos devem garantir gratuitamente a opção consciente da mulher e dos casais pelo aborto. ●



LIBERDADE PARA OS 5 HEROIS CUBANOS ANTI-TERRORISTAS, INJUSTAMENTE PRESOS NOS ESTADOS UNIDOS POR DEFENDER UM MUNDO JUSTO E MELHOR PARA OS FILHOS DA HUMANIDADE E AS GERAÇÕES DO FUTURO!

(Gerardo Hernández, Fernando González, Ramón Labañino, René González y Antonio Guerrero)



Jeannine Polet durante uma campanha eleitoral junto ao Partido Comunista Belga

## HOMENAGEM À CAMARADA JEANNINE POLET

**A**pós combater duramente contra uma penosa enfermidade, nossa querida camarada **Jeannine Polet**, da seção belga posadista, nos deixou no dia 6 de novembro de 2006.

Jeannine dedicou toda a sua vida à luta pelo comunismo. Desde a sua juventude foi profundamente rebelde contra a miséria, as injustiças, as desigualdades e a guerras promovidas pela sociedade capitalista. De então, aderiu e participou da construção da *IV Internacional Posadista*, trabalhou por longos anos na elaboração do jornal “Lutte Ouvrière”, militou no sindicato CGSP devido à sua profissão de motorista de ônibus na STIB de Bruxelas, como uma das pioneiras e poucas mulheres neste ramo; atuou fortemente nos movimentos contra a Otan e a guerra.

Jeannine foi sempre uma batalhadora da unificação das forças políticas da esquerda e, particularmente da refundação do Partido Comunista e da reaparição do seu jornal “Drapeau Rouge” (Bandeira Vermelha). Nos últimos anos, Jeannine empenhou todo o seu talento gráfico e informático na obra de criação da página web da *IV Internacional Posadista* e à publicação das obras de J. Posadas.

A seção brasileira lhe rende uma comovida e calorosa homenagem, na recordação de sua presença plena de alegria e otimismo, militante dinâmica, comunicativa e animadora em todos nossos momentos de lutas e adversidades comuns.

Em sua homenagem publicamos o texto de *J. Posadas* ao lado, e em honra à vida revolucionária de todos os combatentes como Jeannine Polet, para quem “a vida sem a luta pelo socialismo não teria havido sentido”.

# A ROSA E A VIDA

*J. Posadas*

1 de maio de 1981

*J. Posadas* gerou este texto quando ao longo de uma caminhada particularmente especial, ao retorno de uma manifestação de 1º de maio de 1981 em Roma, se defrontou diante de um belíssimo roseiral. Na sua concepção dialética da vida, a morte é superada na medida em que o ser humano, assim como as rosas quando são arrancadas do seu pé, continua na vida dos demais que permanecem<sup>(1)</sup>. Esta foi a sua conduta nos seus últimos dias de vida: elaborar textos, orientações constantes para impulsionar a continuação da vida na luta pelo socialismo.

*Jeannine Polet* foi uma das tantas rosas vermelhas cultivadas no jardim das idéias do marxismo-posadismo, que lutou até o último momento da sua vida em reunião com seus camaradas, para deixar o exemplo vivo de que o ideal revolucionário do socialismo é o mais sublime e necessário do universo e que a humanidade deve persegui-lo, até as últimas conseqüências.

**O**s seres humanos usam as flores tanto como um meio de comunicação com a natureza como entre si mesmos. A rosa é a flor que simboliza de forma mais elevada este sentimento. Ela vem de épocas muito remotas da humanidade, tendo estrutura molecular e componentes necessários à saúde, à vida. A partir da rosa se fazem chás, saladas; aliás, todas as flores têm essas propriedades; as verduras também, mas em outras formas. Por enquanto, não são digeríveis, mas se vêem animais que se sustentam de flores, como é o caso da abelha que produz o mel; ou seja, a abelha realiza uma transformação. Todas as matérias primas das flores – tanto os ácidos, como as proteínas – são transformadas para que sejam assimiladas pelo ser humano. As outras flores também devem ser assim. Nós não comemos flores, devido aos hábitos da alimentação vigente com carne e outros produtos.

A mais linda flor da comunicação humana é a rosa, que vem desde a origem do ser humano. A rosa é a mais comunicativa. Tenho a impressão que deve ser pelo seu perfume, que é o mais agradável de todos; e também pelas suas cores que são muito harmoniosas. As rosas têm cores que harmonizam com a vista, com o olhar, com o pensamento, e o seu perfume é o mais suave e profundo. É por isto que se diz a uma garota jovem e bonita, ou a uma criança linda: “você parece uma rosa!” É comparada a uma rosa. E num momento em que estou pensando sobre o passado, as rosas tomam uma maior dimensão e chegam até mim, para que o perfume, a cor e o aspecto se comuniquem com o passado. Assim, eu penso e as rosas se movem, percebendo minha preocupação em encontrar uma compreensão ou explicação de alguma coisa. É aí que ela se move e diz: “Veja, isto é assim!” E agradece, com o seu perfume, seu aroma e sua cor.

No Estado operário, as flores vivem sem preocupação, pois elas não são arrancadas inutilmente, não são maltratadas. Elas não se sentem maltratadas. Pode-se arrancar uma flor, mas neste ato há uma continuação da sua vida, mesmo que ela deixe de viver, ela faz com que vivamos. Ela faz parte da continuação da vida. Assim, a



vida é unitária, é única, e desenvolvida em diversas formas; a flor de um jeito, e os seres humanos de outro. Desta forma, a fragrância, a cor e o frescor da flor se incorporam à nossa inteligência e desenvolvem a capacidade da inteligência. A flor está presente aí, no desenvolvimento das idéias. É uma centralização feita pelo ser humano, concentrando todo o desenvolvimento da natureza e expressando em seguida uma forma superior da natureza: o ser humano – o qual também representa a flor. A flor é parte da composição orgânica da natureza; tal como o ser humano, não como gênero humano – porque este é uma particularidade do outro – mas, organicamente, como natureza, nós somos iguais à rosa. E mesmo tendo em conta que alguns não são nada mais que os espinhos das rosas, que são os capitalistas; mas que já não conseguem espinhar mais. A humanidade já aprendeu a se manifestar, por isso, eles não espinham mais.

As flores, as plantas, e os animais serão partes integrantes da vida. Não a vida como gênero humano, em forma animal, de tal ou qual reino. Estas são divisões obsoletas, que tiveram que fazer, embora não sejam mal feitas para sua época. Contudo, agora, é preciso ver que todo animal, e flor, formam parte da vida – em forma de planta, de animal, ou em forma de ser humano – que, em certa medida, se pode dizer, não estrita ou organicamente igual: “uma forma superior”. Relativamente é uma forma superior, porque foi assim que a natureza se desenvolveu, mas quando houver a integração de tudo, encontraremos uma forma de vida superior das plantas, muito superior. Da mesma forma como encontraremos o jeito de respirar debaixo d’água, e o faremos. Hoje não acontece isto por uma condição que é o resultado de uma estruturação anterior; mas logo será possível fazê-lo. Não será apenas com relação à água ou ao ar, e sim, em relação à água, ar, terra e cosmos: ou seja, tudo se unifica. O ser humano quer voltar à sua origem – e não é possível estabelecer quantos anos, que são trilhões – mas a origem é o cosmos. A humanidade está no despontar de conhecer-se a si mesma.

(1) J. Posadas veio a falecer alguns dias depois, em 25 de maio de 1981.

# Revolução Socialista

**Jornal Posadista**

Continuação do  
Jornal  
Frente Operária,  
fundado em 1953

“Sem a luta pelo socialismo, a vida não tem sentido” (J. Posadas) Ano 08 – Nº 23 – Outubro de 2007 – R\$1,00

EDITORIAL

## As contradições do governo Lula e a urgência de correção de rumo

### A oportunidade histórica de resgatar a relação com os movimentos sociais através da “revolução dos agrocombustíveis”

A crise que vem-se arrastando no Senado, a partir do linchamento midiático do Senador Renan Calheiros e entrando na nova fase com a discussão sobre a aprovação da CPMF, expõe todas as contradições do Governo Lula, mas também a desarticulação das forças do campo burguês.

É evidente que o bem-sucedido linchamento do Senador foi um episódio a mais na disputa pelo poder, cujo objetivo e essência era – e isso não foi escrito em lugar algum pela Mídia – pressionar o governo Lula para tentar derrubar o veto à Emenda 3, que abre um rombo nas conquistas trabalhistas ainda vigentes neste país.

Os setores mais conscientes e mais radicais da elite tentam desta maneira ressurgir das cinzas e da sucessão de derrotas às quais foram submetidas desde a famosa crise do “mensalão” – o golpe branco fracassado – até à clamorosa reeleição de Lula, que deixou seqüelas terríveis nas suas filas. Até hoje estas tentam uma desesperada recomposição, agarrando-se a episódios menores como o chamado “apagão aéreo”, ou às oportunidades que os pasquins de extrema-direita como a Veja e a Época, oferecem na série denunciata orquestrada, talvez, por mentes bem-iluminadas de além-mar.

Não que o Senador esteja isento de alguns dos desmandos que se lhe atribuem: mas são pecados veniais para os Srs. Senadores. Relacionar-se com lobistas, lubrificar a alocação de verbas orçamentárias aos amigos, controlar meios de comunicação, e, nem dizer, ter e manter amantes, tudo isso é prática comum e corrente no Congresso Nacional, em todos os níveis. Há dados estatísticos à disposição e não é segredo de Estado. Quando se torna pasto para as feras da mídia, com direito ao deleite em páginas da Play Boy, é dever de qualquer cidadão consciente interrogar-se sobre as razões de fundo de semelhante campanha. Uma coisa é certa: ela nada tem a ver com a ética, nem a conclusão da crise – com a condenação total do acusado e a sua cassação e ostracismo – resolverá qualquer um dos problemas sinalizados pelos heróicos paladinos da retidão, da ética e da moral na política.

Bem outro é o embate, e é pelo poder: debilitar o governo Lula, eis a questão. Ele se tornou perigoso, consegue governar superpartes, prescinde da base aliada, e do próprio partido ao qual pertence. O relativo êxito econômico encanta boa parte das elites, que como diz o presidente, deveriam acender uma vela para ele todos os dias, tal é o nível de lucratividade; junto com os empresários “nacionais”, as multinacionais, que

“realizam” colossais níveis de remessa de lucros. Então, à popularidade do Presidente junto às classes mais pobres, junta-se um crescente consenso da área burguesa, compreendendo aí os governadores da oposição.

Claro está que o preço a pagar por tantos afagos da elite é muito alto: a pressão da “base aliada” do governo é enorme, a voracidade por espaços no governo é incontível, e os pressupostos neoliberais da economia mantidos, tendem a ocupar os corações e mentes de boa parte dos gestores – mesmo daqueles petistas menos contaminados. Veja-se o caso das privatizações das rodovias (pintado como caso de sucesso) com as novas concessões para a cobrança de pedágios. Ou a total indiferença frente ao plebiscito popular pela desprivatização da Vale do Rio Doce. Veja-se, em particular, o abraço mortal do agronegócio ao governo quanto ao novo filão de riqueza que é o agrocombustível, que merece análise separada.

#### A “revolução do agrocombustível”

Talvez aí esteja a chave da reviravolta e da esperança de resgatar o governo deste abraço de urso: de fato, a estratégia do

(Continua na página 2)



Campanha de alfabetização do MST



Valmir Mota de Oliveira (Keno)

**Todo nosso repúdio pelo assassinato do companheiro do MST, Valmir Mota de Oliveira (Keno), por ação da multinacional SYNGENTA em conluio com a oligarquia paranaense.**

**Agrocombustível**

Página 3

**Venezuela**

Página 4

**Che Guevara**

Página 5

**Encontro de Teerã**

Página 6

**Escudo anti-mísseis**

Página 7

**Energia cósmica**

(J.Posadas)

Página 8

## EDITORIAL

(Vem da página 1)

agrocombustível atualmente é o carro-chefe da política internacional e comercial do Brasil. Não sem razão, Lula tem apontado o combustível renovável e limpo proveniente da agricultura como uma “revolução” e como um processo “inexorável”, conveniente, adequado para solucionar a inevitável crise energética do mundo, e além disso, como uma “colossal oportunidade” para os povos do mundo menos desenvolvido, notadamente a África e a América Latina.

O calcanhar de Aquiles do projeto é justamente esse: como está formulado, ele não oferece garantia alguma de que os pequenos agricultores, as comunidades mais pobres e os países subdesenvolvidos possam libertar-se da escravidão. O chamado “selo social” – a obrigatoriedade da compra de 10% da matéria-prima para a produção de agrocombustíveis – revela-se uma pantomima, não envolve o produtor no ciclo industrial, não permite agregar valor, e, sobretudo, não dá autonomia energética aos interessados. Um homem que de agricultura dos países pobres entende, o Diretor-Geral da FAO, afirma taxativamente em artigo recente que não há uma “estratégia” para garantir que haja benefício para o mundo subdesenvolvido, e que o “perigo” é que

se tornem fornecedores de agrocombustível para alimentar a voracidade dos 800 milhões de veículos dos países ricos.

**Como esconjur o perigo ou, “um outro agrocombustível é possível”.**

Na verdade, o projeto alternativo existe, e está abundantemente demonstrado aí onde foi implantado. Falamos de Rede Biobrasil, falamos dos projetos do Prof. Marcello Guimarães, falamos de muitos projetos implantados no bojo do programa Luz para Todos, todos eles voltados para as comunidades ou pequenas ou isoladas, para a agricultura familiar, quilombolas, assentamentos da Reforma Agrária, todos eles utilizando variadas tecnologias completamente compatíveis com o ambiente, garantidores da biodiversidade e da a produção de alimentos, aliás, alavancadores da produção dos mesmos com a supressão de uso de insumos químicos caros e importados, estimuladores da auto-produção e auto-consumo energéticos, ou seja, modelos auto-sustentáveis, de baixo custo, emancipadores e verdadeiramente revolucionários.

Ou seja, uma colossal oportunidade de empoderamento das comunidades e das massas exploradas do campo em torno da produção do combustível, de redistribuição de um dos meios de produção mais importantes da humanidade, que são aqueles relacionados com a energia, apresenta-se aos olhos do país mais privilegiado do mundo em termos de recursos naturais e de tecnologias e tradições próprias adequadas ao projeto.

Só que o governo não a vê. Há um debate na sociedade que pode favorecer um redirecionamento da política energética de cunho social. O III Congresso Nacional do PT tirou uma resolução de apoio à formação de uma Empresa Brasileira de Agroenergia que privilegie a produção do médio e pequeno agricultor. Idéia abraçada pelo deputado Reginaldo Lopes (PT-MG) que está organizando uma Frente Parlamentar de apoio. Da mesma forma no último Congresso Nacional do MST houve um salto qualitativo onde passam do simples lema do “Brasil sem latifúndio” para um projeto de luta pela reforma agrária que abrange a soberania nacional e a justiça social no país. Em um dos pontos, a Carta congressual do MST diz: “Lutar para que a produção dos agrocombustíveis esteja sob o controle dos camponeses e trabalhadores rurais, como parte da policultura, com preservação do meio ambiente e buscando a soberania energética de cada região.” Este debate está também dentro das correntes militares nacionalistas no exército. As declara-



A luta continua: 3,7 milhões votaram no plebiscito pela re-estatização da Vale do Rio Doce

ções do general José Benedito de Barros Moreira, apoiando a fabricação de submarinos nucleares e um projeto de defesa militar do país contra os riscos das invasões estrangeiras no território brasileiro – incluindo a Amazônia –, devido ao apetite multinacional de apoderar-se dos recursos energéticos nacionais e das novas perspectivas de exploração da bionergia, merecem uma atenção de todas as forças interessadas em defender um Brasil livre e soberano.

Dado que o governo não oferece uma alternativa urgente a esta demanda, os movimentos sociais encontram-se perplexos, hesitam e duvidam. Por outro lado, no PT, há uma descontinuidade entre a resolução de apoio à Empresa Brasileira e o debate interior sobre o tema da agroenergia; não há um plano de lutas nesse terreno..

É bem verdade que o agronegócio e as multinacionais têm tomado a dianteira, paradoxalmente liderados pela Petrobrás e por boa parte da equipe de governo: o Brasil está batendo todos os recordes de produção de biodiesel, etanol, está expandindo rapidamente as áreas plantadas com as monoculturas da soja, milho, cana-de-açúcar, usinas estão sendo construídas ou compradas por grupos nacionais e estrangeiros – vorazes e previdentes compradores de terras frente a um barril de petróleo que já bate a casa dos US\$100,00 o barril. Produtores rurais mais abastados, tendo farejado a oportunidade, já produzem tudo aquilo que necessitam nas próprias terras e batem às portas do governo para poder vender o produto, deixando em pânico os atuais distribuidores de combustível e os guardiões do fisco que se sentem ameaçados pelo “decontrole”. A “rebelião das forças produtivas” prevista por Karl Marx é a realidade de viva do nosso campo. Só que ela pode ficar nas mãos das elites, do agronegócio, das multinacionais.

Portanto, a única saída é que os movimentos sociais encampem a campanha “A AGROENERGIA É NOSSA” e pela formação da EMPRESA BRASILEIRA DE AGROENERGIA, uma empresa preponderantemente estatal que garanta o controle do processo em benefício da agricultura familiar, dos assentamentos da reforma agrária, dos setores mais explorados do campo, para, rapidamente, construir uma, mim, um milhão de microusinas que transformem estas populações em comunidades de produtores do próprio combustível, gerando um colossal ciclo de acumulação e distribuição de riquezas.

Chamamos à UNE, aos movimentos sociais, às organizações sindicais, aos nacionalistas, à intelectualidade do país a debater o tema, que apresenta-se como “oportunidade” e “ameaça” ao País. que corre o risco de um novo ciclo de desnacionalização e colonização – já em curso – e que, ao contrário, pode dar lugar a um pólo de coesão social imbatível – governo e movimento pela reforma agrária, movimentos sociais, sindicais – inaugurando um novo ciclo de distribuição de renda, oferecendo a famosa “porta de saída” para os programas sociais de simples manutenção alimentar como o Bolsa Família, e criando uma nova força política que liberte o Governo Lula da dependência da aliança com as elites, que resolva a crise de identidade da esquerda petista e não petista em torno de um projeto nacional gigantesco e relevante, que somar-se-ia às revoluções em curso no resto do Continente. Este é o momento!

Se não houver uma mudança profunda de rota no governo a curto prazo, mais Kenos existirão, como tantos outros que deram suas vidas na esperança de que neste governo o Brasil pudesse ser finalmente um país livre e soberano. ●

25 de outubro de 2007

J. Posadas, fundador e organizador da IV Internacional Posadista



Expediente  
“Revolução Socialista”

Órgão da Corrente Posadista do PT – Regulamentada junto ao Diretório Nacional

Continuação do Jornal “Frente Operária”, fundado em 1953.

Diretor Responsável :

C. Almeida – Reg. Prof. 049/SP  
E-mail: revsocialista@yahoo.com.br

Página Web:

www.revolucaosocialista.cjb.net

Brasília DF  
Circulação interna ao PT

## Agrocombustível: ameaça ou oportunidade?

Um enorme equívoco paira sobre a discussão sobre o combustível renovável a partir da agricultura: o de que ele esteja fadado a ser a nova commodity mundial para alimentar a voracidade insaciável de energia dos países ricos, em detrimento dos países mais pobres, do ambiente e, sobretudo, da alimentação humana.

Várias mentes iluminadas já nos advertiram sobre este perigo: o Presidente cubano Fidel Castro, o Presidente Venezuelano Hugo Chávez, Frei Betto, Leonardo Boff e muitos outros renomados expoentes e intelectuais dos movimentos sociais e progressistas pelo mundo afora. Não há como contestá-los: o perigo é real. Os tentáculos neocolonizadores do império já se movem com incrível rapidez, compram terras e usinas no Brasil, preparam-se para o “day after” da era petrolífera, às nossas custas.

Entretanto - e com todo o respeito por tão fundamentadas opiniões - mais que nunca é preciso parafrasear o slogan dos fóruns sociais mundiais: UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL NO TERRENO DA AGROENERGIA. O agrocombustível pode ser uma arma revolucionária, **se o processo for dominado pelas forças nacionais e populares de cada país.** O problema com o qual nos defrontamos, às vésperas da primeira grande conferência nacional sobre o tema é que amplos setores dos movimentos sociais já consideram o tema UMA BATALHA PERDIDA PARA O AGRONEGÓCIO e para a versão imperialista da nova Era. E como consequência, já militam contra o projeto.

O primeiro problema, para todos nós, é que esta nova Era é irreversível e já está em marcha: os últimos dados da economia rural brasileira já falam de um excedente de produção de biodiesel e de um aumento crescente e incontrolável da exportação de etanol, por conta e responsabilidade do agronegócio. A cada aumento do barril do petróleo, que já supera os 80 dólares, haverá uma nova corrida aos combustíveis renováveis.

A equação é simples: o governo Brasileiro proclama aos quatro cantos do mundo que vai entrar de cheio na produção do agrocombustível, em todas as suas modalidades. Convoca as forças produtivas a fazê-lo, abre caminhos para a exportação, constrói álcooldutos, destilarias, investe em pesquisas. As forças do agronegócio privado e dos investidores imperialistas

não se fazem de rogados: entraram de cheio no novo filão bilionário, comprando terras, investindo, desnacionalizando. O resultado, assim sem controle, é previsível: um novo ciclo de dominação colonial da cana-de-açúcar e outras monoculturas.

**O que não é irreversível é que este processo deva ser dominado pelo Império e pelas forças reacionárias ligadas aos grandes negócios agropecuários:** depende, muito mais do que se pensa, de nós, dos lutadores dos movimentos sociais, pela reforma agrária, pela justiça social e pelas transformações sociais.

Até mesmo o Diretor-Geral da FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, Jacques Diouf, após ter promovido estudos sobre os perigos da redução da produção alimentar devido à conversão da agricultura aos agrocombustíveis, chega à conclusão que este processo pode ser positivo:

*“Eletricidade é o que impulsiona o desenvolvimento: redes de computadores não funcionam movidas a esterco de vaca seco. Mas com tecnologia moderna você pode transformar esterco em biogás. Ajudar 2 bilhões de pessoas que vivem com menos de US\$ 2 diários a mudar para uma bioenergia acessível, caseira e ambientalmente sustentável representaria um passo enorme no seu desenvolvimento. Promover tal mudança é ainda mais urgente porque o aumento de 300% no preço do petróleo nos últimos anos impõe uma carga insuportável nas economias dos países mais pobres...”*

*“... focar o debate exclusivamente em biocombustíveis para transporte é não perceber o potencial da bioenergia para a redução da pobreza. Ele está mais em ajudar 2 bilhões de pessoas a produzir sua própria eletricidade e satisfazer outras necessidades energéticas do que em manter 800 milhões de carros e caminhões nas ruas...”*

E agrega:

*“Se fizermos as coisas certas, a bioenergia nos dará oportunidade histórica de acelerar o crescimento em muitos dos países mais pobres do mundo, possibilitar um renascimento da agricultura e entregar energia moderna a um terço da população mundial.*

*No entanto, essa promessa só se tornará realidade se as decisões certas forem tomadas agora e se as políticas apropriadas forem implantadas. Nós precisamos criar, urgentemente, uma estratégia internacional para a bioenergia (o grifo é nosso). Na*



Micro-distilaria de álcool em pequena propriedade rural do engenheiro Marcelo Guimarães

*sua ausência, corremos o risco de produzir efeitos diametralmente opostos: maior pobreza e dano ambiental.”*

É inquestionável que se o processo ficar nas mãos das oligarquias de sempre ou do imperialismo, vai materializar-se o quadro mais terrível vislumbrado pelo companheiro Fidel Castro. Assim será com qualquer forma de produção de energia, do petróleo ao nuclear, e até mesmo com a inócua e renovável energia eólica ou fotovoltaica: se é o imperialismo que detém tecnologia, indústrias, mercados, investimentos, teremos que pagar royalties até mesmo pelos ventos e pelo sol que abundam no nosso planeta.

Se o processo, ao contrário, é dominado pelas forças populares e legitimamente nacionais, a equação se inverte totalmente, em favor do ambiente, da segurança alimentar, da biodiversidade, da sustentabilidade, da justiça social.

Já está abundantemente demonstrado por mil experiências-piloto pelo Brasil afora que o agrocombustível produzido em pequenas propriedades e comunidades NÃO REDUZ A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS, NEM FAZ DANOS AO AMBIENTE, ao contrário, multiplica a riqueza humana da maneira mais completa e legítima. MAS A CONDIÇÃO INDISCUTÍVEL E ABSOLUTA É QUE O CONTROLE DO PROCESSO ESTEJA NAS MÃOS DOS MOVIMENTOS E GOVERNOS POPULARES.

O que temos pela frente, portanto, é a possibilidade, real e tangível, de oferecer ao Governo Lula uma proposta estratégica para dar a saída que este não está encontrando para o problema da reforma agrária: **uma poderosa aliança com as massas populares do campo para que estas ingressem a pleno título na autoprodução de combustível**, libertando-se, ao mesmo tempo, do agronegócio, do atraso, da dependência dos mecanismos do mercado capitalista. Com um investimento ínfimo, o Governo pode criar 2, 3 milhões de micro-usinas e uma massa de 6 milhões de produtores, atendendo em pleno à preocupação manifestada pelo Diretor-geral da FAO e de tantos movimentos populares, ambientalistas, camponeses pelo mundo afora.

Iniciamos a “era da biomassa”, com características totalmente diferentes da “era do petróleo”. A própria característica da

exploração do petróleo - perfuração de poços -, dentro do capitalismo, levou-nos a uma concentração brutal de poder e riqueza. A produção da energia da biomassa, tendo o sol (disperso por todo o território tropical nacional) como fonte primária para a produção de agroenergia, muda significativamente os parâmetros para a produção de energia. Em qualquer canto do país, qualquer pessoa poderá produzir sua energia dentro de determinados níveis tecnológicos. Portanto, estamos diante de uma “revolução no modo de produção de energia” com todas as suas consequências e plenas possibilidades de geração de riqueza de forma a beneficiar, não uma ou outra empresa petrolífera, mas milhões de pessoas.

Mas para isso, tem-se que criar a EMPRESA BRASILEIRA DE AGROENERGIA, de propriedade preponderantemente pública. Esta deve ter todo o poder, os recursos e o marco legal para por em marcha essa massa enorme de novos produtores, provendo tecnologia, financiamento, infraestrutura, transporte, meios de comercialização, impedindo que o setor fique à mercê da anarquia, como já está ocorrendo hoje.

É urgente e possível, ao mesmo tempo, desvincular o projeto da voracidade da indústria petrolífera, estruturada conforme a ótica dos grandes mercados internacionais e da indústria automobilística. O monopólio estatal do petróleo – mesmo que parcial – deve ser mantido, mas cumpre outra missão, outro papel, desta vez redimensionado pela entrada em cena de milhões de produtores independentes de agrocombustível, que tornar-se-ão vendedores e não mais compradores. Pela infinidade de novos protagonistas e atores que serão envolvidos, pelo seu caráter social e ambiental, o projeto não pode ficar à mercê da lógica da era do Petróleo.

A I Conferência Nacional Popular em Curitiba é um passo importante para ser um pólo aglutinador dos camponeses, operários, estudantes, intelectuais, setores da igreja, militares nacionalistas, setores do governo federal empenhados em transformar a Campanha Popular a “Agroenergia é nossa” num movimento transformador. Estes são os ventos positivos da América Latina, e terá a força transformadora que teve a memorável campanha “O Petróleo é nosso”. É preciso contar com elementos não desprezíveis que sopram a favor, como o fato de que o III Congresso Nacional do PT aprovou a criação da Empresa Brasileira de Agroenergia; que uma Frente Popular “A Agroenergia é nossa” no Congresso Nacional, está sendo realizada pelo Deputado Federal do PT (MG), Reginaldo Lopes; e por fim, devemos destacar a simpatia já manifestada pelo Presidente Lula pela criação da Empresa Brasileira de Agroenergia.

## A construção do PSUV, a reforma constitucional e as tarefas da revolução venezuelana

**N**um contexto de pressões imperialistas, ameaças de Bush a uma guerra atômica mundial, o governo de Chávez expressa a necessidade de avançar rapidamente na consolidação de instrumentos para afirmar a revolução. Está na ordem do dia a necessidade de um salto de um Estado revolucionário a um Estado operário. Por isso medidas como a construção do PSUV e as Reformas constitucionais são agora um centro de debate que envolvem com forte efervescência as massas venezuelanas.

### A construção do PSUV

A construção do partido de massas, do PSUV é uma das tarefas centrais para que a classe trabalhadora seja protagonista na construção de um Estado socialista. O novo partido, o PSUV cumpre uma função central para assegurar este salto, como elemento de unificação entre operários, camponeses, estudantes, intelectuais e militares, de controle político sobre o Estado e de educação marxista das massas no rumo do socialismo. Não há dúvidas de que nos últimos anos de revolução, o povo venezuelano passou a ser mais culto e politizado, fruto do analfabetismo zero alcançado e do estímulo à cultura popular e revolucionária: depois dos Miseráveis de Vitor Hugo, e dos Dom Quixote, agora são 1 milhão de Manifestos comunistas de Marx distribuídos ao povo, e milhões de projetos de reforma constitucional a serem debatidos. Os 5 milhões candidatos a militar e dar vida ao Partido, dentro de uma população de 26 milhões, indicam que quando se convoca a formar um instrumento para avançar nas transformações socialistas, o apoio é gigantesco e surge do “nada”. Isso pode estimular as correntes dentro do PT que não se submeteram à política parlamentar e que tratam de recuperar o programa das transformações sociais e suas raízes históricas como partido de massas.

O PSUV é um não à fragmentação de partidos de esquerda, e um sim a um instrumento unificado onde as massas devem aprender no seu interior a raciocinar, discutir idéias, a comparar experiências, a se educar na consciência coletiva, a romper os aparatos, a estimular os órgãos populares, os conse-



Chávez homenageia Che Guevara no Alô Presidente em Santa Clara e em conversação com Fidel indica Cienfuegos para a construção da refinaria de re-gasificação.

lhos de fábrica, de universidade, as novas comunas, os sindicatos, a acabar com os burocratas e a corrupção. O partido deve ser um instrumento para impedir a abstração da democracia formal retórica, e concentrar a decisão da classe operária venezuelana em dirigir, em impedir vacilações na aplicação das medidas revolucionárias, de planificação econômica centralizada, das estatizações, do monopólio do comércio exterior, das reformas constitucionais que assegurem o salto para um Estado operário ou chamado socialista; sem com isso deixar de intervir contra a reprodução burocrática e aparatosa dentro do partido. A história é muito generosa e deixou exemplos, desde o funcionamento dos soviets em 1917 na Urss, de como realizar essa incontornável tarefa. O programa Alô Presidente, é expressão aproximada de uma espécie de soviets televisivo que Chávez busca estimular, suprimindo a falta do partido que está por se construir. Mas, não o pode substituir. A construção de quadros e a erradicação dos vícios burocráticos, da corrupção, dos perigos profissionais do poder, já advertidos por Trotsky são tarefas urgentes para impedir um processo termidoriano no governo e de contra-revolução na esfera social. A liberdade de correntes e a batalha de idéias no Partido não deve ser confundida com o democratismo imobilista, muito menos com uma forma de conciliação com alas conservadoras dentro do chavismo que resistem às medidas transformadoras.

A melhor defesa das conquistas da revolução é aprofundar a participação das mas-

sas, desde as crianças aos anciãos, não somente com manifestações e o povo na rua, mas com órgãos de poder, conselhos de operários e camponeses, e através deles ganhar a juventude. É preciso dar real conteúdo de massas à democracia participativa convocada por Chávez. Nas universidades é preciso estimular a discussão sobre a ciência, técnica e cultura a serviço do povo, rompendo com o esquema tradicional e conservador da autonomia alienante frente à revolução, criando um novo modelo, como se propõe a universidade bolivariana. É preciso reformular o programa das universidades, estimular a literatura marxista sobre os problemas. Deve-se ganhar a juventude, a pequeno-burguesia para uma função social junto à classe operária.

### A importancia das estatizações e da planificação estatal da economia

O debate sobre a a necessidade da estatização e da planificação da economia, controle de comitês de fábrica, bairros, etc..., deve ser uma arma política permanente no partido. É preciso discutir a superioridade da propriedade estatal como elemento determinante no desenvolvimento econômico, como em Cuba, e como foram os outros Estados operários. A falência de aparatos ou direções burocráticas nos países do Leste europeu, não invalida a superioridade da propriedade estatal sob controle operário. Basta ver o que eram antes a Tchecoslováquia, a Polónia e Iugoslávia, e hoje, invadidas pelo capital privado. Cada

futuro militante do PSUV deve ser um quadro, um professor que debate esses temas, como nos Alô Presidentes. Evo Morales também não só nacionaliza, mas dá aulas em comícios aos camponeses sobre os benefícios econômicos e sociais das nacionalizações do gás para as prefeituras e populações locais.

### A experiência chilena

Na América Latina, já se discute muito e se faz alerta à experiência chilena. Mas, terão sido efetivamente assimiladas as conclusões sobre o golpe no Chile? Lá onde teria sido necessário ganhar o exército, arrebatando-o do servilismo ao grande capital e ao imperialismo? E não só isso. É verdade que faltou a unidade dos partidos de esquerda, comunista e socialista com o MIR, mas a maior carência da revolução chilena foi a falta de preparação das massas para a guerra civil, e do chamado às forças revolucionárias do exército, que desse vida às diversas formas de organização popular independente do jogo parlamentar e da democracia burguesa concedida. O que o grande capital tem demonstrado historicamente é que não abandona o poder pacificamente, como se demonstrou no massacre de Pinochet. Isso é válido hoje para a Venezuela. É preciso saltar do governo ao poder popular para estabelecer um Estado Socialista. Há indícios, num dos pontos da nova reforma constitucional de que já se parte de um nível de compreensão superior à revolução chilena. Segundo ela, as Forças Armadas Bolivarianas passam de uma instituição profissional a ser um corpo patriótico popular e antiimperialista, para preservar-se de qualquer ataque interno ou externo no caminho da preparação para uma guerra popular de resistência, atenta a uma preparação social, científica e tecnológica no exército, e a nunca servir à oligarquia ou ao poder estrangeiro. Haverá uma Guarda Bolivariana Territorial e um novo componente, que são as Reservas, que se constituem a Milícia Popular Bolivariana. Chávez bem mencionou a Trotsky em Santa Clara: “Em toda revolução é necessário a chibata da contra-revolução”. E daí se vê que as tentativas de golpe reacionário de 2002, desencadearam um processo de consciência no governo e nas massas venezuelanas.

Por isso mais de 1 milhão de civis, incluindo mulheres, já se inscreveram às Reservas. O ponto da reformulação das Armas na constituição é o que atíça a histeria da oposição burguesa.

### O papel dos militares nacionalistas

A tradição bolivariana do exército venezuelano se viu reforçada pela nacionalização realizada por correntes militares nacionalistas. Se expressa mais tarde no MBR.200 que assume a tarefa de dar um uso antiimperialista ao petróleo nacionalizado na década de 70. Essa corrente liderada por Chávez já tinha sofrido, por sua vez, influência pelo nacionalismo militar latino-americano, seja dos generais Velasco Alvarado (Peru), Juan José Torres (Bolívia), Perón e Vargas, e também da revolução nacionalista de 1952 na Bolívia liderada por Villarroel que serve de base sócio-histórica ao governo de esquerda de Evo Morales, que resiste e adota medidas estatizantes e sociais graças ao apoio das massas, mas também dos setores militares nacionalistas. Por isso, essas novas forças na Venezuela, PSUV, Guarda Territorial, Milícias e Comunas são combinações importantes para o fermento socialista.

Um dos pontos da reforma constitucional é a proibição do latifúndio. É preciso que junto à expropriação se efetive uma Reforma Agrária que estimule a diversificação da produção agrícola. Não é suficiente expropriar o latifúndio se não há um projeto de produção agrícola alimentar e de agroindústrias junto às comunidades, e de controle estatal sobre a produção e comercialização. Não há por que a Venezuela ter que importar 70% dos alimentos. É preciso ter um projeto de construção de hortas ao redor das cidades, e estimular a diversificação agrícola-alimentar, com estímulo ao pequeno e médio agricultor. A revolução venezuelana tem elementos mais fortes para planificar a economia, agora com o fim da autonomia do Banco Central propugnado pela reforma constitucional, servindo ao interesse do Estado socialista e ao plano nacional de desenvolvimento. As reservas internacionais não podem ser

manipuladas pelo Banco Central, mas estarão sob a direção do presidente que passa a ser o administrador da Empresa pública. O chefe de estado estabelece a destinação das reservas, para a produtividade, para as missões, para o desenvolvimento social e endógeno. Enquanto isso, o Banco do Sul será em breve oficialmente operacional.

O projeto constitucional de redução do tempo de trabalho a 6 horas e 36 semanais se colocado vitoriosamente em prática, será um estímulo às lutas sindicais anti-capitalistas na América Latina e no mundo. É uma conquista essencial da classe trabalhadora. Enquanto o capitalismo utiliza o progresso científico para combinar o desemprego com a super-exploração dos que trabalham com cargas de 12 horas diárias, a revolução bolivariana poderá dar um exemplo de como a ciência e a técnica no Estado socialista significam emprego para todos e mais tempo de lazer, estudo e cultura à classe trabalhadora.

Evidentemente, este projeto de reforma constitucional tem tudo para que as provocações e manifestações contra-revolucionárias se acentuem. Mas, independentemente da legislação, e o que fica no papel, o povo venezuelano está aprendendo a debater o livrinho vermelho da constituição e a participar como nunca. Um povo organizado, militarizado e determinado, não há constituição que agüente! Por isso, no Brasil, a mídia agente dos grandes grupos financeiros e estrangeiros, tem feito uma campanha violenta contra a Venezuela, e a doação que esta fez de 5.000 livros em português sobre Bolívar para 624 escolas públicas do ensino fundamental no Distrito Federal. Temer a Bolívar é temer que se estude Tiradentes e a Abreu de Lima nas escolas. A concepção independentista e integradora de Bolívar, unida à generosidade da revolução bolivariana, só fere àqueles que hoje, esquartejariam pela segunda vez a Tiradentes, e que têm interesse de criar mentes alienadas e submetidas ao grande capital e que querem fazer uma inquisição às mentes pensantes que não hesitarão um minuto para defender dignamente a revolução bolivariana e estendê-la ao Brasil e à América Latina.

## A atualidade do pensamento de Che Chevara

**C**he Guevara, a suas idéias, o seu inigualável exemplo revolucionário continuam vivos e se reapresentam de modo contundente nas lutas dos povos na América Latina e no mundo. Che deixa de ser um simples símbolo para se materializar em projetos reais de luta na América Latina, de processos integradores, de formação de novos governos revolucionários e de crescimento de movimentos populares anti-capitalistas de camponeses, indígenas, mineiros, operários, estudantes e militares nacionalistas. Por isso várias entidades dos movimentos sociais no Brasil lhe deram a justa homenagem, inclusive, pela primeira vez, o Congresso, por iniciativa de forças da esquerda ali presentes, ressuscitou com honras a Che Guevara após a última acolhida que lhe rendeu Jânio Quadros em 1964.

A tese do Che de que a soberania de qualquer povo latino-americano passa pela libertação conjunta de todo o continente, se materializa nos fatos. O neo-liberalismo desce ladeira abaixo, e se levanta a idéia integradora da ALBA apoiada em todos os seus aliceres: Unasur, Banco do Sul, Telesul, Universidade e Gasoduto do Sul. A Venezuela passa a ser um centro vital qualitativo ao lado de Cuba para estender a revolução socialista na América Latina. Cuba, encurralada pelo bloqueio imperialista dificilmente poderia sobreviver, se além da consciência do povo cubano, as fronteiras da sua revolução não se estendessem com o advento do processo na Venezuela. Esta por sua vez conta com o apoio de Cuba, com mais de 14 mil médicos cubanos e várias operações "milagres", no projeto de alfabetização "eu sim posso" em todo o território. Ai, como na Bolívia, renasce não apenas o Che guerrilheiro de La Higuera, mas o médico, estadista, economista crítico e construtor, e o internacionalista abnegado até a morte.

Nas "Anotações críticas à Economia Política" de Che Guevara, ou no "O pensamento econômico do Che" (Carlos Tablada) publicados recentemente em Cuba, vê-se Che Guevara na sua amplitude completa. Guerrilheiro, construtor da consciência e emulação comunista com seu próprio exemplo no trabalho voluntário, mas sobretudo, economista e elaborador teórico, crítico à dependência da monocultura, defensor do processo de diversificação e autonomia produtiva industrial nacional, e questionador do funcionamento burocrático, defensor do internacionalismo como única via ao socialismo Che criou o Instituto de Derivados da Cana-de-açúcar onde no discurso inaugural disse que o açúcar seria apenas um dos sub-produtos da cana.

A concepção internacionalista do Che, e de Trotsky de que não há possibilidade de



Che Guevara

socialismo num só país, é inquestionável numa América Latina que está pondo em prática a integração revolucionária como caminho para a libertação de cada povo. No programa "Alô Presidente" de Chávez em Santa Clara, junto ao mausoléu do Che, que foi o ponto mais elevado e significativo da homenagem que lhe foi rendida no mundo, se formalizou emblematicamente esta concepção integradora. Fidel e Chávez selam um ato de união onde a Venezuela e Cuba constituem um só governo, como parte de uma Confederação Socialista da América Latina. E do ato passaram a um acordo concreto de re-gasificação em Cienfuegos, com ajuda venezuelana.

A conversação ao vivo entre Chávez, em Santa Clara, e Fidel, em Havana, merece uma atenção especial, pelo método de construção e debate que se pode e se deve fazer na construção das direções revolucionárias do socialismo do século XXI: uma hora de balanço coletivo Fidel-Chávez, com a participação de ministros e dirigentes políticos de ambos lados, sobre suas experiências históricas, traçando um programa socialista conjunto.

Che Guevara renasce também na tribuna da ONU onde em 1964, rompendo os esquemas da diplomacia, teve a ousadia de chamar ao levante revolucionário dos povos em todas as partes do mundo onde houvesse um mínimo sinal de injustiça social. Entre a tentativa de ainda salvar e reverter o "covil de bandidos" caracterizado por Lênin, e a tentação de criar um novo organismo internacional dos países, fora do jugo e monopólio imperialista dos EUA, repercutem discursos na última Conferência de setembro na ONU como o de Ahmedinejad do Irã, de Rafael Correa do Equador, Evo Morales da Bolívia, do chanceler venezuelano Nicolas Maduro, na mesma linha antiimperialista de Chávez. Não é mais Fidel sozinho a ser atacado de "gênio maldito". Ao contrário, o fim do embargo a Cuba foi votado quase unanimemente pelos integrantes da ONU. Deste contexto e do fracasso no Iraque é que surge a ira de Bush que ameaça com a guerra atômica ao mundo e ao Irã. Cai a máscara: querem desarmar o Irã para atacá-lo.



LIBERDADE PARA OS 5 HEROIS CUBANOS ANTI-TERRORISTAS, INJUSTAMENTE PRESOS NOS ESTADOS UNIDOS POR DEFENDER UM MUNDO JUSTO E MELHOR PARA OS FILHOS DA HUMANIDADE E AS GERAÇÕES DO FUTURO!

(Gerardo Hernández, Fernando González, Ramón Labañino, René González y Antonio Guerrero)

## O salto e os desafios do Encontro de Teerã entre os cinco países vizinhos ao Mar Cáspio



O encontro entre Putin e Ahmedinejad em Teerã na reunião dos 5 países vizinhos ao Mar Cáspio

Basta um simples confronto para levantar a ira de Bush que ameaça o Irã com a terceira guerra atômica mundial. Apesar de todos os preparativos, a conferência sobre o Oriente Médio desejada pelo imperialismo americano, faliu devido à recusa do Egito e também de Abu Abbas, da Autoridade Palestina, ao ver que o Hamas, a resistência libanesa e o Irã a boicotaram. Enquanto isso, a Conferência dos Cinco em Teerã, constitui uma guinada histórica que prepara um novo nível elevado na cooperação, integração e no progresso dos países e dos povos da região contra todas e tantas tentativas imperialistas iniciadas na pós-queda da Urss.

Não são os destruidores da Iugoslávia, nem os kossovaros como Bernard Kuschner ou Sarko incendiário, mas Bush, pessoalmente, que declara a eventualidade da guerra atômica como a última arma preventiva, antes que a influência integradora do Irã se alastre ou que, indiretamente, o Estado de Israel se derrube por implosão ou pela pressão generalizada contra ele e pela sua impossibilidade de se reformar.

### **O Encontro dos Cinco em Teerã selou o fracasso do imperialismo na Ásia Central e no Mar Cáspio**

O Encontro de Teerã assinalou o fracasso dos planos de domínio imperialista na Ásia Central e no Mar Cáspio, na sua tentativa de isolar e derrotar o Irã. O seu logro é o lançamento imediato, e no futuro próximo, das cooperações e das integrações entre os países do Mar Cáspio e uma tomada de posição nítida da Federação Russa contra as chantagens e ameaças imperialistas; esta se sente empurrada à proteção e integração do Irã, e dos países que até há pouco tempo pareciam ter se transformado em súditos do imperialismo norte-americano.

Poderíamos indagar sobre as razões que conduziram a esta virada, mas o principal é entender o que foi decidido nos dois dias do encontro, e nas duas horas de discussão direta Rússia-Irã a portas fechadas, onde Putin teria feito propostas estratégicas aos iranianos, e ainda não publicadas, e às quais Khamenei teria respondido: “Pensaremos!”. Ambas as partes teriam declarado que não há nenhum limite ao desenvolvimento das próximas colaborações e intercambiaram mil elogios e sorrisos.

Os seus comportamentos, a certo ponto, não pareciam ser de estadistas de alto escalão, mas velhos amigos que se reencontravam. No início, meio contidos, mas logo em seguida tudo eram abraços, provavelmente pela tranquilidade e naturalidade de Putin que admira o poeta, filósofo, matemático e astrônomo Omar Khyyam e a história do Irã. Demonstrou saber que há toda uma parte do território da ex-Urss, da Índia e do Afeganistão que foram do Estado iraniano e, na realidade, a língua persa era aquela oficial, do Estado indiano dos Mogul, iraniano dos turcos e persas, e dos turcos otomanos, através da qual a poesia e a literatura persa foi do domínio e uso público da Ásia menor ao subcontinente indiano. Durante o colóquio entre Putin e Khamenei, quando este falava, Putin não deixava de sorrir como se dissesse: “vai tranquilo, manda brasa, não tenha medo!”. Os dirigentes iranianos ofereceram o próprio país como sua própria casa. Mesmo sendo um ato formal, em sinal de hospitalidade oriental e de uma antiga cultura internacional, simboliza a profundidade do processo histórico, onde há um reencontro, uma integração e o empenho em estruturar-se em um único processo. Prometeram de aumentar o valor de câmbio de 2 bilhões de dólares anuais atuais para 200 bilhões dentro dos próximos 10 anos.

Apesar de que o tema central da reunião fosse a questão do Mar Cáspio, os Cinco definiram alguns passos importantes bilaterais e trilaterais de alcance histórico, entre os quais, a construção de uma rede ferroviária e de auto-estrada que liga o Kazakistão e o Turkmenistão e o Irã ao litoral leste do Mar Cáspio; ela por sua vez se conecta à rede da ex-Urss ao norte, à Turquia e Europa; e ao sul, se coliga ao Golfo Pérsico e ao Mar de Omman. O Irã sob o domínio imperialista até a revolução islâmica, não havia nunca desenvolvido uma rede ferroviária, essencialmente por questões geopolíticas e militares de contenção em relação ao enfrentamento com a Urss. Era como se esta velha cruzada, dos contos de Marco Pólo e do caminho da seda, fosse impedida e cada vínculo interrompido. Além disso, Putin propõe a construção de um canal navegável que coligue o Mar Cáspio ao Mar Negro e ao mar aberto, possibilitando o desenvolvimento do comércio em toda a zona. Isso é possível ao norte da cadeia montanhosa georgiana e nas estepes meridionais da Rússia. Deverão tomar decisões sobre isso. E porque não? Xerxes já não havia feito isso em Corinto, cortando a Ática do Peloponeso? Já não o haviam feito os fenícios e Dario no Suez, e assim por diante, até os soviéticos entre o Volga e o Don? Enquanto isso, decidiram de rever-se a cada seis meses a nível de ministros do exterior e a constituir-se numa organização de cooperação com encontros anuais de representantes de alto nível.

### **Nenhum uso militar do Mar Cáspio pode ser feito e nenhuma nave mercantil pode atravessá-lo com bandeira estrangeira, com exceção dos cinco países.**

A outra decisão, que impede e freia o Azerbaijão, é que ninguém pode pensar e muito menos realizar um ataque militar a partir do próprio território a outros países. *Nenhum uso militar do Mar Cáspio pode ser feito e nenhuma nave mercantil pode atravessá-lo com bandeira estrangeira, com exceção dos cinco países. Todos os países e, logicamente o Irã, têm direito a desenvolver a produção e o uso da energia nuclear em todos os campos pacíficos. A Rússia se compromete a levar adiante o cumprimento da construção da central nuclear de Bushehr no Golfo Pérsico no prazo estabelecido. As redes de eletricidade e outras infra-estruturas, serviços e coligações, e a produção dos aviões serão realizados.* O Irã já comprou 50 motores de jet Tupolev e de Mig 29 quando a Rússia tinha vendido, há pouco tempo, os mísseis terra-ar com várias testadas para serem instaladas sobre bases móveis ao redor de bases nucleares e de Bushehr.

As dificuldades de definir o regime de propriedade jurídica do Mar Cáspio e o início da intervenção do imperialismo no maior lago da Terra demonstram todo o mal que comportou a queda da Urss. Desde então, este lago se transformou de uma situação pacífica de uso comum entre a União Soviética e o Irã, segundo os acordos de 1921, quando o novo governo revolucionário do Soviet anulou as dívidas do

Irã ao império czarista e dissolveu as forças imperialistas dos cossacos presentes no Irã, a um lago tempestuoso a ser dividido entre cinco países contrastantes dirigidos sobre o lago, que, na desgraça da vitória dos rebeldes filo-americanos do Daghestan-Cecenia, se teriam que dividir em 6.

Os 5 ainda não chegaram a um acordo sobre a divisão do lago na superfície, na profundidade e no sub-solo. A profundidade do lago começa dos 5 metros na foz do Volga ao norte do lago, aos 100 metros ao sul junto às costas iranianas. A República do Azerbaijão ao oeste e aquela do Turkmenistão ao leste chegaram logo ao desentendimento pelas jazidas de petróleo no subsolo do lago. Os caças iranianos tiveram que expulsar navios de pesquisa petroleira ingleses que trabalharam nas águas do Irã, por conta do Azerbaijão; enquanto isso, a República russa, o Kazakistão e o Azerbaijão se puseram de acordo para deter 64% da superfície, enquanto o Irã reivindicava a propriedade e a gestão comum do lago, como na época da revolução russa. Caso não fosse aceito, pretendia 20%, segundo a divisão paritária da superfície, enquanto os demais lhe propunham somente 14%, possivelmente pela profundidade maior das suas águas. Enquanto isso, o Azerbaijão sustentava e ainda sustenta a relação militar com os Eua e já começavam a mergulhar os submarinos militares nas águas do Mar Cáspio; No Turkmenistão atuava o Consórcio do lago instituído pelos Eua e as companhias americanas e européias trabalhavam no Kazakistão pela pesquisa e extração do petróleo nas maiores jazidas do Mar Cáspio. Salvo no caso do Azerbaijão, todo o resto não existe mais. O Kazakistão expulsou as companhias americanas, o Consórcio americano não funciona mais no Turkmenistão, e o Azerbaijão teve que rever e conter as instigações militares dos Eua e as provocações contra o Irã de constituir o Grande Azerbaijão junto ao iraniano com a capital em Tabriz iraniana.

O regime de propriedade será instituído nesta nova atmosfera de confiança reencontrada e de colaboração, assim como a colaboração iraniana-russa, vendo os efeitos positivos da atuação de Putin nestes anos para resolver os problemas do Tajikistão (1) e de Karabach (2). De toda forma, o significado político do encontro e as suas decisões, com uma resolução comum de 25 pontos, vão além dos fatos em si e se materializam numa organização econômico, social e política antiimperialista que estimula agora cada um dos cinco países a ser mais decisivos neste caminho e a preparar-se em outras eventualidades. Sem dúvida que esta nova entidade, como a que está em desenvolvimento na América do Sul, influenciará todas as outras questões e processos de crise do Oriente Médio em todo o mundo.

18 de outubro de 2007  
(do nosso correspondente no Irã)

(1) No Tajikistão houve sempre convulsões internas influenciadas pelos talibãs afegãos e pela tendência reacionária mussulmana que por anos se refletia na direção do governo.

(2) Se refere aos enfrentamentos militares havidos sobre o caso de Karabach entre a Armênia e o Azerbaijão.

**P**ublicamos neste número este documento do CSO que foi apresentado em uma manifestação internacional no Brdy, região da República Tcheca onde se prepara a instalação de peças do escudo anti-míssil dos Estados Unidos.

O “Comitê de Vigilância Otan” é uma agrupação belga composta por várias tendências de esquerda radical dentro da qual atuam nossos companheiros posadistas. Esta reunião onde participou o CSO num povoado distante da Bohemia na República Tcheca, reuniu organizações contra a guerra de várias partes da Europa, junto com o movimento popular tcheco que rechaça qualquer instalação de bases militares e de elementos de escudo anti-míssil no seu território. Vários prefeitos da região de Brdy estão encabeçando esta mobilização e se empenharam solenemente a lutar com todas as forças para impedir a realização deste projeto. É preciso dizer que estes valentes companheiros são objetos de muitas pressões de todo tipo. O governo de centro-direita da Chequia já assinou tudo com o governo dos EUA para construir esta base e instalar o radar gigante. Agora, estão tratando de romper as autoridades locais com promessas de construir infra-estruturas, estradas de rodagem, canalizações de água e meios de transporte, que têm sido precários, com a condição de que se aprove a construção da base militar. O que é eloquente é que vão utilizar Fundos Europeus. Não se trata de uma questão “local”. A população tcheca em todo o país está muito indignada com a arrogância deste governo que assinou o acordo com os ianques sem consultar a ninguém. A própria mídia publica pesquisas de opinião onde 70 a 85% das pessoas estão contra e nem querem saber de uma nova base militar. Lá naquele povoado da região de Brdy, todos se sentiram parte do mundo quando puderam ouvir e ver a mensagem no vídeo do prefeito de Hiroshima, em nome do movimento “Prefeitos pela Paz” que ele preside, chamando a impedir a instalação de uma nova base e a decretar nesta região uma nova zona da Europa sem armas nucleares.

## Saudação do Comité Surveillance Otan\* ao Encontro em Brdy-Breznice (República Tcheca)

(\*CSO – Comitê de Vigilância contra a Otan na Bélgica

### O “escudo” anti-mísseis dos EUA na República Tcheca e na Polônia

O governo dos EUA, seguido pelo nosso na Bélgica e por outros, alegam falsamente ser uma proteção con-tra o Irã e a Coréia do Norte. Mas todo mundo sabe que o “escudo” não é nada defensivo, e que não necessitamos de proteção contra agressões não existentes. Estas bases nos aproximam mais ainda da guerra mundial que os EUA projetam conscientemente contra a Rússia e a China.

Onde está o real perigo? Quem está trazendo a guerra para os quatro cantos da Terra? É a OTAN que já se estende a 29 países entre a América do Norte e a Europa. Os seus tentáculos estão na guerra no Afeganistão e as suas intervenções militares se multiplicaram desde o bombardeamento da Iugoslávia.

A partir do colapso da URSS, os EUA e a OTAN têm incrementado a sua política de agressão e expansão visando a apropriação dos recursos energéticos e as suas vias de escoamento. Esta política provocou a desintegração da Iugoslávia, a total destruição do Iraque após 12 anos de um criminoso bloqueio e a “revolução de várias cores” em torno da Rússia. Essa mesma política é a que agora apresenta o Irã como a maior ameaça ao Ocidente, justificando essas bases anti-balísticas na República Tcheca e na Polônia o que, ao contrário, aumenta a cadeia de agressões anteriores.

Os EUA e a OTAN apresentam este sistema anti-balístico como uma simples proteção para a Europa, mas concretamente dizem: “Nós temos os meios para atacar você – e você não tem como responder. Não lhe resta, portanto, outra alternativa que ficar sob a nossa proteção”.

O governo dos EUA assinou previamente acordos bilaterais comprometendo diretamente a República Tcheca e a Polônia na construção do escudo. Mas, há outro passo: a OTAN não somente ratificou o princípio do escudo, mas decidiu construir (principalmente na Hungria) um sistema complementar anti-míssil compartilhado com os Estados Unidos. Os círculos dirigentes estão fazendo as contas para ver quanto cada país membro vai ter que pagar.

O ano 2010 é quando o sistema deveria estar operacional, e não está longe. Os líderes políticos e militares o apresentam como se fosse um projeto teórico, mas isto é para evitar o debate público sobre a questão. Corremos o risco novamen-



Manifestação contra a instalação do radar em Praga

te de estar diante de fatos já ocorridos. Mas, é preciso impedir isso. Por isso é importante esta mobilização na República Tcheca, e outras já anunciadas na Polônia e na Hungria, que são vitais para as populações da Europa. É indispensável esta solidariedade com vocês!

Na Bélgica, nós devemos exigir do nosso governo (o atual e o que virá) que renda contas. Nós denunciemos, e consideramos que seja nulo e inválido todo acordo bilateral que implique em qualquer participação ou instalação no assim chamado “escudo”. Nós denunciemos e consideramos que seja nulo e inválido qualquer compromisso do governo sobre isso através da OTAN: **Não** ao voto em favor, **não** à “abstenção construtiva”!

Nós chamamos aos cidadãos dos movimentos e aos partidos progressistas do nosso país a rejeitar qualquer participação direta ou indireta, na instalação deste “escudo”. Esta “defesa” da Europa serve somente para aumentar os riscos de guerra na Europa. Muitos líderes pró-OTAN estão entusiasmados, mas as populações europeias não têm interesse na política agressiva dos líderes norte-americanos. É preciso lutar por uma outra Europa! O caminho para a paz não pode ser a dos armamentos, mas o da desmilitarização, cooperação e acordos com a Rússia os países vizinhos.

**Contate-nos:** [info@csotan.org](mailto:info@csotan.org)

**Informe-se :** ALERTE OTAN ! Boletim trimestral do CSO (pedido de assinatura no site [www.csotan.org](http://www.csotan.org))

## Os limites do conhecimento científico e da utilização da energia na sociedade capitalista (\*)

(título do comitê de redação)

21 de junho de 1968

J. Posadas

Pode existir vida em outros planetas ou em outras galáxias ou universos. A transformação da matéria do estado inorgânico ao estado orgânico pode haver se dado em forma diferente daqui da Terra, de modo que a utilização da energia seja superior à daqui. Aqui apenas se sabe utilizar a energia do petróleo e de forma muito limitada e primária; a energia atômica pode estar sendo utilizada sabiamente, como todas as outras formas de energia existentes na matéria. Enquanto ainda não há interesse de como utilizá-la benéficamente na Terra, em outras partes já a poderão estar transformando em luz.

A organização da matéria pode ter se dado em outros sistemas planetários ou galáxias em combinações infinitas e sob formas totalmente diferentes das que conhecemos na Terra. Não podemos saber como pode ter ocorrido, mas o que imaginamos é que pode existir uma utilização da energia infinitamente superior à nossa. Descobriu-se na União soviética um novo raio que é luz; mas só hoje se descobre, quando em outros planetas podem já haver descoberto e desfrutado desde milhões de anos. O que nós demoramos para ir de um continente a outro, eles fazem em meio segundo, de modo que a concepção da vida e da matéria, está determinada por isso. Esta energia tem que ter uma propriedade e força infinitamente superior à que conhecemos. De modo que se pode conceber um ser que levante a mão e produza luz, atraia ou afaste objetos e organize a energia. Tudo isso é possível.

Nós estamos acostumados a ver e conceber a vida na Terra dentro da visão comercial da propriedade privada, do sentimento de posse, que é a base na qual se desenvolveu a sociedade até chegar à etapa do Estado operário. Isto é o que determina a noção de existência e sua relação com os outros planetas. Aqui, quando planejam ir a outro planeta é para ver se podem explorar e dominar, porque a ciência está sujeita ao que lhe fornecem ou lhe pagam. A ciência não é independente. Não é a mesma situação do sujeito que tem uma horta, planta e colhe o que quer; este, mesmo estando submetido à natureza, tem o poder de determinar. A ciência não; ela está sujeita a quem a financia. Por exemplo, os astrônomos e os físicos, de onde vão tirar dinheiro para instalar aparelhos e pesquisar? Eles não têm recursos. Não têm nem equipe disponível, nem dinheiro para pagar-lhes; nem meios para poder viver. Com que meios estudarão a física? O Estado capitalista sim, pode propiciar tudo isso; a burocracia soviética também. Podem instalar equipes, mas terminam limitando sua capacidade ao interesse capitalista ou ao interesse individual de casta parasitária da sociedade. Por isso o conhecimento da física, da matéria, da astronomia, é ainda uma coisa incipiente. Não há um conhecimento real do que existe. Prova é que constantemente estão corrigindo as bases dos descobrimentos, seja de Newton, seja de Einstein, e de todos eles. (...)

Há um cientista japonês que disse o que nós dissemos: que é um crime desperdiçar tamanha energia liberada pelos terremotos. E que se pode fazer um sistema injetável, como se fosse uma espécie de radar, que vá vendo as mobilizações, os gases que há no interior da Terra. Quer dizer, todas as formas que supomos existir, que não se conhecem ainda, mas que existem realmente, sejam gases ou desprendimentos interiores produzidos por gases ou movimentos de rotação do sol e

da Terra que os cientistas ainda não conhecem. Ele diz que se pode prever o terremoto, conter, e utilizar esta energia, tal como escrevemos quando houve o terremoto de 1961 no Chile.

A organização da matéria que permitiu na Terra certas formas de vida, sua reprodução, está limitada pela capacidade científica. A capacidade científica está limitada pela capacidade de poder estudar e, esta pela capacidade econômica. A capacidade econômica é a de quem tem os meios e o interesse. E o interesse dominante é capitalista. Isso constitui uma limitação enorme. E além disso, existe a concepção do mundo limitada pela visão individualista da propriedade e da sua utilização privada. Isto limita a capacidade de observação; e a audácia na observação é limitada pelo conhecimento determinado pelo interesse e pelo preconceito social. Isso é evidente na questão do transplante do coração.

Quando os soviéticos lançaram o primeiro sputnik, um socialista idiota do Uruguai escreveu uma poesia chamada "A lua violada". É preciso ser um imbecil para dizer isso. São pessoas impotentes e incapazes porque não têm nem finalidade, nem perspectiva para poder avançar. Como não tem perspectiva se dedicam a isso, porque o que esses concebem é a propriedade privada. E para poder encarar e estudar as formas diversas através das quais está constituída a matéria, se requer a energia caminhando, a organização consciente, como somos nós. Mas em nós há energia não consciente, por que senão, como viveríamos, qual é o impulso que nos faz viver? Esta é uma das formas de energia.

A mentalidade capitalista, que impede aos burgueses terem perspectivas, faz com que não tenham interesse e limitem a audácia de observação do mundo. Porque se fossem audazes e resolutos perceberiam que não têm função na vida, e que a sua existência não tem justificativa. É seu interesse que limita e estreita a sua visão. E, conseqüentemente limitam os alcances da física, da química, da medicina, e de todas as ciências. Em troca, não tem porque ser da mesma forma nos outros planetas. Não têm porque ter havido luta de classes. Por quê? Aqui na Terra se deu dessa forma porque assim se deu na história. Mas em outros planetas não há porque ter sido assim.

(...) Ainda se utiliza a energia de forma muito mecânica, limitada e rudimentar. Hoje se pode utilizar a transformação da matéria em energia existente em estado natural. É preciso fazer isso. Por exemplo, eliminar todo processo de refinação de petróleo para transformar a matéria em energia. Um belo dia, do ar vão fazer energia; o transformarão em energia. Se a eletricidade surge, isso se deve à estrutura e comportamento da matéria; e se aproveita porque chegou-se a este descobrimento que é limitado. No futuro a eletricidade não será necessária. Tudo o que existe é energia. Para que algo ou qualquer objeto exista, tem que ser energia porque senão não existe.

A capacidade científica do ser humano está determinada pela organização social, e esta, pelo objetivo que se persegue; mas em tudo na vida, a capacidade de organização social é prioritária. A organização social da propriedade privada é muito limitada; o seu alcance é limitado, porque tudo o que ela gera: o ímpeto, o impulso, a coragem, a audácia, estão determinados pelo interesse e a apropriação individuais, e nada mais. (...)

### O marxismo e o conhecimento científico

No futuro socialista se encontrará a forma de resolver facilmente todos os problemas derivados da noção da Terra, gravidade, pres-

A organização da matéria pode ter se dado em outros planetas ou galáxias, em combinações infinitas e diferentes da Terra



são atmosférica, pressões pela altitude, etc. Se encontrará, sobretudo, uma resposta ao problema essencial: a capacidade social organizada num só pensamento – que é a sociedade – será capaz de resolver tudo. Não haverá como hoje, apenas alguns indivíduos dedicados a pensar; e nem as faculdades e universidades serão tais como são atualmente. Essa forma de organização atual tem a finalidade de criar as diferenciações e separações, de forma que alguns estudem para aumentar o rendimento dos que mandam. A Universidade existe hoje com a função de preparar alguns profissionais para explorarem a sociedade em benefício do capitalismo. Ela existe para isto. No futuro, não haverá necessidade de Universidade, haverá um só objetivo na sociedade, e este será a Universidade. O progresso será comum para todos. Esta é a audácia perante a natureza.

Este é um problema que tem importância para a formação e o conhecimento marxista que é ilimitado, não se detém no problema das lutas sociais econômicas e políticas. Não há nenhum problema que esteja desvinculado da humanidade. Todos os problemas da humanidade têm influencia uns sobre os outros. Quanto mais cresce o domínio do conhecimento da história da humanidade, da economia, da matéria, mais aumenta a segurança para encarar os problemas com audácia e resolução. Mesmo não havendo conhecimento e preparação científica prévia sobre um determinado ramo, se houver a preparação científica do instrumento, que é o marxismo, a dialética, pode-se encarar todos os problemas. Este é o aspecto essencial.

(...) O marxismo tem como condição essencial o espírito crítico, para conservar sua potência histórica inextinguível, até que surjam formas superiores de interpretação, que permitam compreender, como parte do marxismo, o processo da natureza dialeticamente.

### A matéria e a energia

Descobriu-se que existe uma velocidade superior à da luz: então há um processo superior à velocidade da luz. Isso mostra que toda a concepção atual da estrutura da matéria está em questão. A matéria não tem, na sua estrutura, nenhuma forma. Por isso, é possível encontrar vida em qualquer parte do universo e mesmo formas inconcebíveis de vida. Formas que vão desde a mais primária até as superiores. As formas e combinações são infinitas. Todos aqueles que admitem a existência de "discos voadores" não o fazem com a preocupação científica e a vontade de desenvolver o conhecimento, mas dominados pelo impressionismo e obrigados a constatar um fato verídico, sem a objetividade de utilizar o conhecimento científico para aplicá-lo a outros conhecimentos sociais. Por exemplo, se existe vida em outros mundos, quer dizer que existem formas de organização superiores, que não têm que estar levando uma vida como a nossa, em guerras. Todos estes indivíduos que admitem a existência de "discos voadores" simplesmente fazem uma constatação, como aquele que está projetando a luz; esta se reflete na parede e diz: "Isto é luz", e nada mais. Não tiram disso nenhuma conclusão.

(\*) extraído do folheto de J. Posadas: "Os discos voadores, o processo da matéria e energia, a ciência, a luta de classes e revolucionária, e o futuro socialista da humanidade")